



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**DAIANE APARECIDA CAVALCANTE**

**DIGA-ME COM QUEM TU ANDAS, *ENTÃO* DIREI QUEM TU ÉS: O PROCESSO  
DE GRAMATICALIZAÇÃO DO *ENTÃO*.**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2018**

DAIANE APARECIDA CAVALCANTE

**DIGA-ME COM QUEM TU ANDAS, *ENTÃO* DIREI QUEM TU ÉS: O PROCESSO  
DE GRAMATICALIZAÇÃO DO *ENTÃO*.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba à guisa de conclusão do Curso de Mestrado.

**Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa Silva**

JOÃO PESSOA-PB

2018

### Catálogo na Publicação (CIP)

C376d Cavalcante, Daiane Aparecida.

Diga-me com quem tu andas, então direi quem tu és: O processo de gramaticalização do Então / Daiane Aparecida Cavalcante. - João Pessoa, 2018.

96 f.: il.

Orientação: Dr. Camilo Rosa Silva Silva.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/Ciências Humanas.

1. Linguística Funcional. 2. Gramaticalização. 3. Princípios e mecanismos. 4. Multifuncionalidade do Então. I. Silva, Camilo Rosa. II. Título.

UFPB/BC

DAIANE APARECIDA CAVALCANTE

**DIGA-ME COM QUEM TU ANDAS, ENTÃO DIREI QUEM TU ÉS: O PROCESSO  
DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ENTÃO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba à guisa do Curso de Mestrado.

**Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa Silva**

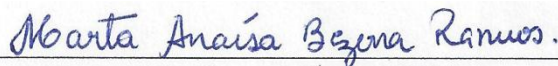
**Data de aprovação: 23/03/2018.**

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (PROLING-UFPB)  
Orientador



---

Profa. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos (UEPB)  
Examinadora Externa

---

Prof. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz (PROLING-UFPB)  
Examinadora Interna

---

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (PROLING-UFPB)  
Suplente

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a investigar multifunções do *então* em dados da oralidade, coletados no *Corpus* Linguajar do Sertão Paraibano (2011-2012), doravante LSP, com informantes paraibanos das zonas urbana e rural das cidades de Cajazeiras, Catingueira, Catolé do Rocha, Conceição, Itaporanga, Patos, Pombal, Sousa e Princesa Isabel. A pesquisa que ora apresentamos toma como base o arcabouço teórico funcionalista, que considera a língua como um fenômeno dinâmico, em que a gramática é concebida como um sistema adaptativo e emergente. Nessa perspectiva, são considerados os estudos da gramaticalização, especialmente, os princípios formulados por Hopper (1991) e os mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994). Tais princípios e mecanismos motivadores são aplicados para a verificação do estágio de gramaticalização em que o objeto de estudo se encontra. Após a análise de dados, os resultados apontam que o item segue o *cline* unidirecional advérbio>conjunção>marcador discursivo, tramitando no entremeio do Discurso e da Gramática. Na análise, constatamos que o item se encontra em estágio mediano de gramaticalização, não se descategorizando, isto é, o *então* não perde totalmente os traços prototípicos da sua função-fonte, uma vez que o desbotamento semântico, o empalidecimento e a neutralização semântica do item são parciais, destarte este apresentar comportamento funcional fluido. Ocorre, assim, perda de transparência semântica, mas a função meta/alvo não apaga, nem tampouco anula a emergência de outras funções divergentes do item, que mantém os traços da categoria fonte. Portanto, há mais ganhos pragmático-discursivos do que perdas. Sendo assim, constatamos a coexistência harmônica entre as duas funções: função-fonte e função-alvo, o que evidencia o estágio parcial de gramaticalização do item.

**Palavras-chave:** Linguística Funcional. Gramaticalização. Princípios e mecanismos. Multifuncionalidade do *então*.

## ABSTRACT

This research proposes an investigation and a multiplication from morality data, of the corpus linguajar from Sertão Paraibano (2011-2012), henceforth LSP, with urban and rural paraibanos informers from the cities of Cajazeiras, Catingueira, Catolé do Rocha, Conceição, Itaporanga, Patos, Pombal, Sousa and Princesa Isabel. The research that we present is based on the functionalist theorist, who considers language as a dynamic phenomenon, in which the grammar is conceived as an adaptive and emergent system. In this perspective, grammaticalization studies will be considered, especially the principles formulated by Hopper (1991) and the motivational mechanisms of grammaticalization postulated by Bybee (1994). These motivating principles and mechanisms will be applied to verify the stage of grammaticalization, which we can find the object of study. After a data analysis, the results indicate that the item follows the unidirectional scale *adverb > conjunction > discourse marker*, proceeding not between the limits of Discourse and Grammar. Regarding the stage of grammaticalization, we find that the item is in the middle stage of grammaticalization, not being decategorized, so it does not totally lose the prototypical traits of its function, the semantic fading, the semantic neutralization of the item is partial, in this way presents slippery and fluid behavior. There is a loss of semantic transparency, but the meta / target function does not erase or cancel the emergence of other divergent functions of the item, which keeps the traits of the source category unharmed. Therefore, there are more pragmatic-discursive gains than losses. Thus, we prove that what happens is the coexistence and the harmonious coexistence between the two functions: source-function and target/meta function, which shows the partial stage of grammaticalization of the item.

**Keywords:** Functional Linguistics. Grammaticalization. Principles and mechanisms. Multifunctionality of the then

## DEDICATÓRIA

Aos anjos personificados que a UFCG e a vida presentearam-me, meus eternos mestres e sagrados amigos Dra. Fátima Elias Ramos, Dr. Elri Bandeira de Sousa e a Dra. Rose Maria Leite de Oliveira, pela humanidade e sacralidade da amizade, amor à docência, pelos ensinamentos profícuos e suporte financeiro a mim concedido no tramitar do curso. A Marcelo, que poeticamente traz consigo, a sobressalente imensidão do MAR e do AMAR, ser de luz, especial e de extrema relevância para a minha alma, por sua presença emanar amor e paz. Á minha amiga-mãe, mui especial Juliana Gomes, por comungar de todos os meus momentos de *via crucis* e aleluias, sendo luzeiro no fim do túnel, bálsamo benigno e aconchego para o recôndito de minha alma. Ao meu pai Antônio Alôncio Cavalcante (in memoriam), “Meu Diadorim” da vida inteira, “minha santa afeição”.

## **AGRADECIMENTOS**

Parafraseando a cantora da MPB Maria Bethânia, é chegada à hora de abraçar e agradecer: “É festa no céu, é lua cheia, sonhei, abracei o mar [...] E o dia sorriu... Uma dúzia de rosas, cheiro de alfazema, presentes eu fui levar. E nada pedi, entreguei ao mar (e nada pedi), me molhei no mar (e nada pedi), só agradei”.

A Deus, sobretudo, o comandante de todas as minhas navegações, por ser lenitivo de todas as horas e iluminar todos os meus caminhos, ser a bússola de orientação em todas as penumbras. Muito obrigada, meu Deus, Pai Onipotente, pelo Dom da vida, por seres sempre a Luz Maior, que nutre o meu existir e fecunda a minha alma de imensa gratidão.

A Deus que sempre me ofertou o pão da resiliência, da fé, da força “Maria, Maria de ser” e da coragem, mesmo nos momentos mais desérticos e áridos, grata, meu Deus, por seres sempre o meu companheiro mais solícito, permitindo que eu e tantos outros “Riobaldos”, “Macabéias”, “Severinos” e “Fabianos”, com a nossa alma sertaneja e empoderada, alcemos voos equidistantes, ressignifiquemos as nossas histórias, protagonizemos sonhos, conquistas e vitórias.

Externo a minha gratidão à Virgem Maria Santíssima, a saúdo a la Adélia Prado: “Ave, Maria! Ave, carne florescida em Jesus. Ave, silêncio radioso, urdidura de paciência, onde Deus fez seu amor inteligível”! Grata, minha mãe de ternura e bondade, por sua poderosa intercessão, cuidado e amor de mãe, durante todas as minhas aflições.

Ao Rosa, todas as rosas de gratidão, amor e de afeto, por sua admirável humanidade e solícitude, pelas sábias e profícuas orientações, valorosas contribuições e pela brilhante condução do meu trilhar como pesquisadora nos caminhos funcionalistas.

Às professoras Dra. Mônica Mano Trindade e Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos, pelas relevantes e ricas contribuições nas fases da qualificação e da defesa, a minha gratidão.

Ao ex-prefeito Domingos Neto e a ex- primeira-dama Mayara Gomes Leite pelo incentivo, suporte financeiro, confiança e credulidade a mim conferidas, externo a minha profunda gratidão.

Às minhas amigas professoras da UFPB e UFCG: Dra. Alvanira Lúcia de Barros e Dra. Erlane Feitosa, pelas ajudas financeiras a mim ofertadas nos congressos, registro a minha estima e bem-querer, muito obrigada.

À minha querida amiga e eterna mestre, professora da UFCG, Dra. Adriana Sidralle, pelo custeio das minhas primeiras passagens para João Pessoa, no início do curso do mestrado, mui grata pela fraternidade e solidariedade.

Aos meus queridos colegas do GIF (Grupo de Investigações Funcionalistas), de forma particular: ao meu amigo-irmão Macélio Almeida, Maria José, Jacinta e Noelma, a quem posso chamá-los e reconhecê-los como amigos, gratidão pelas tardes funcionalistas compartilhadas, momentos de especialização de afetos, momentos iconicamente motivados, que transcenderam à Gramática Emergente, afluindo a nossa Gramática do Afeto.

Aos meus avós maternos, José Gomes (in memoriam) poeta, autodidata, violeiro, o Pai que conheci, que me ensinou o respeito, a ética, a humildade e amor, valores exponenciais, palavras de luxo, de quem herdei desde as minhas raízes criancieiras: o amor, embelezamento e deslumbramento pelas letras, pelo universo encantador e fabuloso das palavras; e à minha avó Marinete Gomes, por ser aqui na terra, meu maior parâmetro de maternidade, obrigadíssima por absolutamente tudo. A vocês que me deram as lições das coisas que não estão nos livros.

A minha gratidão à minha irmã Elaine Cavalcante, à minha sobrinha Lohanna Cavalcante, à minha tia Eliana Gomes, aos meus primos Júnior e Fernando, pelos laços sanguíneos que nos une, por serem expressões de amor, representações de fé e de afeto e bem-querer em todos os eventos.

Às minhas amigas mui especiais Claudinete Cavalcante e Germana, por comungarem de todos os meus destinos, pelas oferendas das orações, fidelidade e sacralidade fraterna, “Minhas Diadorins” da vida inteira, a minha eterna gratidão.

Ao amigo padre Nicodemos Pereira da Silva, externo a minha gratidão, pela solicitude, presteza e ajudas financeiras concedidas na tramitação da minha trajetória acadêmica.

Expresso a minha gratidão à família Soares, “Família Diadorim” querida, família que me elegeu gratuitamente e que eu reciprocamente, a elegi como pertencente à minha linhagem

do coração, nas pessoas de Eleonara (Léo), Rafael (meu “pequeno príncipe”, minha candura), Iraíde, Íris, Leandro, Luciano e Dona Anora (in memorian), pelo acolhimento, amizade, por serem calmarias defronte às tormentas e solidões da vida.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretude desta conquista, aquele abraço.

“Não me importa a palavra, esta corriqueira. Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe, os sítios escuros onde nasce o de, o aliás, o o, o porém e o que, esta incompreensível muleta que me apoia. Quem entender a linguagem entende Deus, cujo Filho é Verbo. Morre quem entender. A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda, foi inventada para ser calada. Em momentos de graça infrequentíssimos, se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. Puro susto e terror”. (Adélia Prado, 1991).



## LISTA DE QUADROS E TABELAS

|                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 01</b> – Quadro resumitivo da posição dos gramáticos quanto à classificação do <i>Então</i> | 39 |
| <b>Quadro 02</b> –Matriz de traços prototípicos de <i>então</i> e <i>logo</i> .....                   | 43 |
| <b>Quadro 03</b> – Novas funções do <i>Então</i> segundo autores .....                                | 44 |
| <b>Quadro 04</b> – Opções básicas de conjunções internas .....                                        | 48 |
| <b>Quadro 05</b> – Quadro resumitivo do <i>Então</i> conforme a visão dos pesquisadores.....          | 57 |
| <br>                                                                                                  |    |
| <b>Tabela 01</b> – Distribuição do <i>Então</i> nos domínios funcionais .....                         | 60 |
| <b>Tabela 02</b> – Distribuição de ocorrências do <i>então</i> no domínio textual.....                | 61 |
| <b>Tabela 03</b> –Distribuição de ocorrências do <i>então</i> nos contextos conjugados .....          | 69 |
| <b>Tabela 04</b> – Distribuição de ocorrências do <i>então</i> no domínio discursivo .....            | 73 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                                         | 11 |
| CAPÍTULO 1 .....                                                                                                        | 17 |
| 1 COM QUE SENTIDO EU VOU, PARA A FUNÇÃO QUE O CONTEXTO ME<br>CONVIDOU? ALINHAMENTO TEÓRICO FUNCIONALISTA.....           | 17 |
| 1.1 A gramaticalização: fluidez das categorias .....                                                                    | 21 |
| 1.2 Iconicidade e o princípio da marcação.....                                                                          | 25 |
| 1.3 Princípios de gramaticalização de Hopper .....                                                                      | 27 |
| 1.4 Mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee.....                                                | 29 |
| 1.5 A teoria dos protótipos .....                                                                                       | 30 |
| CAPÍTULO 2 .....                                                                                                        | 34 |
| 2 ENTÃO, ENTÃO... EXISTE NA GRAMÁTICA UMA CLASSE MAIS<br>HETEROGÊNEA QUE A MINHA? O REINO PANTANOSO DOS ADVÉRBIOS ..... | 34 |
| 2.1 E então... A gramaticalização do <i>então</i> advérbio> conjunção já se cumpriu? .....                              | 39 |
| 2.2 O conector <i>então</i> : Da arquitetura textual para os liames do Discurso .....                                   | 45 |
| 2.3 Então... O que já vem sendo feito? Revisitando o Estado da Arte .....                                               | 51 |
| CAPÍTULO 3 .....                                                                                                        | 59 |
| 3 NO MEIO DO CONTEXTO TEM UM ENTÃO, TEM UM ENTÃO NO MEIO DO<br>CONTEXTO... ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....           | 59 |
| 3.1 O domínio textual .....                                                                                             | 60 |
| 3.2 Outros valores funcionais .....                                                                                     | 69 |
| 3.3 O Domínio discursivo .....                                                                                          | 72 |
| 3.4 E <i>então</i> , em que estágio de gramaticalização o item se encontra? .....                                       | 80 |
| 3.5 Aplicações dos mecanismos motivadores de gramaticalização postulados por<br>Bybee.....                              | 82 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                                               | 86 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                                                                        | 88 |

## INTRODUÇÃO

Considerando a natureza fluida e heterogênea da língua, os estudos funcionalistas lançam um olhar redimensionado para as categorias linguísticas, levando em conta a influência do contexto nos padrões de uso que, por sua vez, alimentam as regularidades discursivas.

A Linguística Funcional norte-americana tem como foco central analisar a língua pelo viés do uso. Tal corrente propõe a simbiose entre Discurso e Gramática, para que, assim, se possa entender a configuração da língua como um fenômeno dinâmico e vivo.

Nessa perspectiva, gramática e discurso se influenciam mutuamente. A gramática é moldada pelo discurso e este é moldado pela gramática, que é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, materializando-se em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a gramática está em um contínuo fazer-se, revelando-nos a relativa instabilidade da estrutura linguística.

A língua é pensada como um fenômeno afetado pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo. Dessa maneira, o comportamento linguístico dos falantes será reflexo das capacidades e habilidades cognitivas, e a gramática é concebida como uma organização cognitiva de experiências dos falantes com a língua.

Sendo assim, a língua não pode ser analisada, senão como um objeto sensível às pressões do uso, decorrentes da gama variada de situações comunicativas, havendo, portanto, uma relação de interdependência entre os domínios da Sintaxe, da Semântica e da Pragmática.

O alinhamento teórico funcionalista assume uma posição contestadora das categorias engessadas e estanques, que veem a língua como algo pronto, sendo, portanto, alheadas de observações/análises que considerem os usos.

Desse modo, defende-se que as categorias gramaticais, através do fenômeno de gramaticalização, passam por um processo de mudança unidirecional, segundo o qual itens e expressões lexicais, em determinados contextos, assumem funções gramaticais, isto é, deixarão de atuar no nível representacional, peculiar aos elementos que fazem parte do universo biossocial, para atuarem nos níveis interpessoal e textual, concernente ao mundo conceptual, intersubjetivo e expressivo dos falantes.

O objeto de estudo da presente pesquisa é o item *então*, que tem natureza polissêmica, ora atuando em sua função-fonte de advérbio, ora em funções-alvo, como a de conector, ativando relações anafóricas no plano da textualidade, ou ainda, na esteira pragmática, atuando como um marcador discursivo, voltado à interação.

Para exemplificar a atuação do item linguístico *então* em situações reais de uso, vejamos o dado a seguir:

- (01) **Inf.:** O Grupo de Cultura Abolição, ele tem como uma característica forte, é uma acentuada tendência de resgate à cultura que está sucumbindo. Tá tanto a nordestina, quanto a brasileira, nós dançamos até danças... ..apenas uma dança estrangeira, que é o retumbão, que é uma espécie de lundum, sabe. Menos requebrado, que os homens com o seu requebrado tentam conquistar suas damas. **E então**, ahn, há um tempo atrás, acho que mil novecentos e vinte e oito... ..tem um sítio aqui próximo que pertence à nossa região, a Princesa Isabel, ahn, que é... ..o sítio Guaribas, mais conhecido como Serra do Gavião. Lá existiu um camponês simples, ahn, Sebastião Pastoro, foi ele quem criou o reisado. Isso em mil novecentos e vinte oito, o gri/ o grupo surgiu em mil novec/ mil novecentos e, e alguma coisa. Em mil novecentos e setenta e cinco, por aí. **E então**, esse reisado, ele era único. Você pode ver que o reisado aí dançado d/ j/ de dez/ de dezembro a f/ a janeiro, ao dia de Reis, tudo mais. E todos, exclusivamente, são idênticos, parecidos os passos, tudo mais. As pessoas começaram a migrar, por dificuldades financeiras. E também, brigas familiares que constuí/ constituía mais a, essa dança com a família. **Então**, seu João Mandu, que é o fundador do Grupo de Cultura Abolição... ..isso depois, ahn, era vereador na época, era político. Ele foi convidado a assistir a apresentação desse grupo, então ele foi. Chegando lá, depois de assistir, gostou muito, e naquela época a única cultura que nós tínhamos, porque pra uma cidade pouco desenvolvida como a nossa, ahn, era somente aquilo. **Então**, ele disse, 'não, está acabando, vai sucumbir', pra que não deixe de existir como os ba/ os bacamarteiros, os... ..a festa do Rosário, que era feita pelos negros, isso tudo acabou. Ahn, o pastoril, que é pouco dançado aqui, mas ainda é dançado. **Então**, ele, naquele tempo, os vestes, como eles tinham dif/ dif/ ahn, dificuldades financeiras, eram feitos de que/ de crepom, papel crepom. **Então**, seu João começou por aí. Ele disse, 'não, vamos', ele se prontificou com os, as pessoas do grupo, e com a comunidade, 'vamos melhorar isso'. (Informante de Princesa Isabel-Zona urbana).

O dado supracitado pertence ao gênero entrevista e é recorte do *corpus* Linguajar do Sertão Paraibano (2011-2012), doravante LSP, tal dado ilustra que o item nesse contexto de uso atua no plano da textualidade, pois exerce a função de sequenciador-retroativo-propulsor, visto que, retroage para a porção textual anterior, ativando relações anafóricas, como também, propulsiona o avanço, a progressão textual e o acréscimo de outras informações que vão sendo dispostas no fluxo temático do turno conversacional.

Antes de detalharmos os procedimentos metodológicos que norteiam este trabalho, é importante chamarmos a atenção aqui para a amostra de dados do *corpus* supracitado, que é

constituído por informantes paraibanos, da zona urbana e da zona rural, das cidades de Cajazeiras, Catingueira, Catolé do Rocha, Conceição, Itaporanga, Patos, Pombal, Sousa e Princesa Isabel. Destacamos o fato de alguns pesquisadores já terem investigado o comportamento multifuncional do *então*, com pesquisas voltadas para o estudo pancrônico desse item, porém, contemplando outros *corpora*. Dessa maneira, a escolha do *corpus* desta pesquisa é inédita, no que concerne à investigação do comportamento multifuncional do item em estudo, nas comunidades de fala das cidades acima mencionadas.

Segundo os organizadores do *corpus* (STEIN et al. 2011;2012), ele tem a pretensão de documentar as variedades dialetais paraibanas antes que suas características próprias se diluam, uma vez que, conforme entendem os idealizadores deste projeto, há o risco de que esse fenômeno ocorra devido à influência dos meios de comunicação de massa.

Assim, a relevância maior desta pesquisa consiste em contribuir para a descrição linguística dessas comunidades de fala da mesorregião geográfica do sertão paraibano, ainda pouco investigadas no que tange a aspectos discursivo-gramaticais flagrados em situações de uso. Investigações dessa natureza podem favorecer uma melhor compreensão dos processos de variação e de mudança que eclodem no Português, como também, levar à percepção do dinamismo e da gradualidade da mudança linguística. Para a realização da pesquisa, traçamos o percurso, a seguir, delineado.

A pesquisa é de natureza descritiva, de cunho quantitativo e qualitativo, visto que iremos verificar a frequência de uso do item em estudo para, posteriormente, criar matrizes de classificação, categorias de análise estipuladas de acordo com o contexto em que o item linguístico está inserido.

O trabalho que ora apresentamos consiste, portanto, em um estudo sobre a gramática da língua. Partimos da *forma* para analisarmos as *funções*. Assim, no final das contas, descrevemos parte do funcionamento de um domínio gramatical, considerando que a recorrência do item analisado e a diversidade de contextos em que se insere permitem a formulação de algumas generalizações.

Assim, tomamos como base o arcabouço teórico funcionalista, no qual estão inseridos os estudos sobre gramática-e-discurso, para analisarmos o uso do item *então* em dados de língua falada. Além de descrevermos o funcionamento do item em situação real de uso, tentamos aplicar, na análise, os princípios de gramaticalização formulados por Hopper (1991) e os mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994). Esses princípios e mecanismos acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que

conferem ao item linguístico o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizado, como também, evidenciam o seu estágio de abstratização de sentido.

Pezzati (2001) aponta o fato de que o elemento *então* está experimentando um processo de gramaticalização, ou seja, está passando da classe de advérbio para a de conjunção, por isso, se apresenta ora desempenhando a função típica de uma classe, ora da outra. Segundo Risso (1996), neste último caso, o item se presta mais ao discurso e assume a função de marcador discursivo. Para a autora, a partir dessa função argumentativa, o *então* exercerá no discurso funções como a de sequenciador-retroativo-propulsor, sequenciador retomador, organizador de turno, introdutor de turno, entre outras.

Levamos em consideração, *a priori*, que os diferentes usos do nosso objeto de estudo apresentam uma origem espacial/temporal e se explicam por um processo de gramaticalização, espaço > (tempo) > texto, trajetória de mudança semântica proposta por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), que um elemento linguístico tenderá a sofrer até atingir o *status quo* de conectivo. A partir desse processo, o elemento linguístico tende a desempenhar funções pragmático-discursivas.

Percebendo o caráter multifuncional do item e observando seu comportamento polissêmico em contextos de oralidade, chegamos ao seguinte questionamento, que nos mobiliza a buscar respostas através desta pesquisa: Quais são as motivações internas ou externas que levam os falantes da língua a recategorizarem o item *então* e automatizarem novas funções para uma forma já existente?

Como tentativa de responder a essa questão, partimos da hipótese geral de que o item experimenta um processo de mudança, de flutuação categorial na oralidade, tendo em vista que as mudanças e variações são mais recorrentes nessa modalidade. Hipotetizamos, também, que os fatores como a frequência de uso do item e sua rotinização, possam determinar algumas escolhas dos falantes ou a deflagração de polissemias. Assim, tais fatores contribuiriam para o processo de gramaticalização do item, potencializando e ativando outras funções distintas da original.

Para buscar respostas à questão formulada, traçamos os seguintes objetivos, que delineiam nossa pesquisa: i) Descrever o comportamento funcional do *então*, contribuindo para ampliar a descrição da gramática que o abriga; ii) Mapear a estrutura dos múltiplos usos, valores e funções do item nas entrevistas do *corpus* Linguajar do Sertão Paraibano (2011-2012), doravante LSP; iii) Apontar os fatores de ordem sintático-semântica e discursivo-pragmática que motivam as mudanças experienciadas pelo item.

A investigação proposta neste trabalho destina-se a analisar o comportamento multifuncional do item linguístico *então*, que está passando por um processo de gramaticalização, seguindo o *cline* unidirecional da metáfora espaço>tempo>texto.

O comportamento funcional do item será observado através da perspectiva sincrônica, tendo em vista nossa preocupação voltar-se para o atual estágio de gramaticalização que o objeto de estudo desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ele conferidos pelos padrões fluídos de uso da língua.

No que tange à fase da coleta dos dados, fizemos cuidadosa leitura das amostras de fala do LSP, guiada pela busca de ocorrências do *então*. Na sequência, quantificamos os usos do item encontrados nas entrevistas. Para quantificar percentualmente a frequência de uso em cada município - zona urbana e zona rural -, utilizamos o programa Excel 2016, gerando a tabulação de dados com mais precisão.

Posteriormente, qualificamos essas ocorrências *tokens* do item, criando matrizes de classificação para cada função *type* exercida por ele.

Para darmos conta dessa tarefa, nosso estudo apresenta a seguinte estruturação:

No primeiro capítulo, intitulado: *Com que sentido eu vou, para a função que o contexto me convidou...: alinhamento teórico funcionalista* pautamo-nos na teoria funcionalista, trazendo à baila conceitos caros a essa abordagem, mormente no que se refere à gramaticalização, aos princípios de gramaticalização de Hopper (1991), aos mecanismos de gramaticalização de Bybee (1994), ao princípio da unidirecionalidade e à teoria dos protótipos.

No segundo capítulo, denominado: *Então, Então... Existe na gramática uma classe mais heterogênea que a minha? O reino pantanoso dos advérbios*, fazemos uma revisão bibliográfica, apresentando o tratamento dado ao *então* ancorado na perspectiva tradicional. O primeiro passo é o cotejamento em sete gramáticas tradicionais, a fim de verificarmos como o *então* é categorizado em cada uma delas. E na seção intitulada: *E então... O que já vem sendo feito? E o que se pretende fazer? Revisitando o Estado da Arte*, o intuito é recuperar o Estado da Arte, revisitando teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos que tratam sobre a gramaticalização do *então*, destacando a contribuição de estudos realizados sobre o item. Em seguida, tecemos explanações sobre a trajetória de gramaticalização do *então* de advérbio > conjunção. Posteriormente, refletimos sobre o conector *então* no percurso operador argumentativo > marcador discursivo.

Por fim, no terceiro capítulo: *Tem um então, no meio do contexto, no meio do contexto tem um então: Análise e discussão de dados* observamos os diferentes domínios de uso do

*então*, dentre os quais, nomeamos: função textual, função ideacional, função interacional, entre outras. Para refinar a análise do item em estudo, propomos matrizes de classificação, evidenciando seu caráter polissêmico. Isso nos leva à verificação do estágio de gramaticalização em que se encontra o item, quando, para tanto, recorreremos aos princípios de gramaticalização formulados por Hopper (1991) e aos mecanismos de gramaticalização postulados por Bybee (1994).

Em seguida, apresentamos as considerações finais, oportunidade em que avaliamos os resultados obtidos.

## **CAPÍTULO 1**

### **1 COM QUE SENTIDO EU VOU, PARA A FUNÇÃO QUE O CONTEXTO ME CONVIDOU? ALINHAMENTO TEÓRICO FUNCIONALISTA**

O título do capítulo parafraseia a letra da música “Com que roupa?”, composta em 1930, pelo cantor e compositor Noel Rosa, trazendo à baila o tripé: sentido, função e contexto, tão caro ao Funcionalismo, tendo em vista essa abordagem teórica considerar que os estatutos categoriais não discretos se gramaticalizam em função do contexto, pois sendo a gramática suscetível às pressões do uso, a gramaticalização das categorias se resolve no equilíbrio das forças internas e externas do sistema.

O chamado Pólo Funcionalista caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões externas, oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

A Linguística Funcional Norte-Americana, uma das vertentes do referido pólo, a qual assumimos como base para nosso estudo, tem como objetivo central analisar a língua pelo viés do uso, ou seja, a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística que circunda os eventos comunicativos dos falantes. Tal corrente propõe a simbiose entre Discurso e Gramática, para que, assim, se possa entender a configuração da língua como um fenômeno dinâmico e vivo.

Discurso aqui é compreendido como o uso criativo da língua nos diferentes contextos de comunicação. De acordo com essa concepção, a gramática constitui um conjunto de princípios dinâmicos que, conforme Langacker (1987), associam-se a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e modificadas pelo uso.

Sob esse ângulo funcionalista, gramática e discurso interagem e se influenciam mutuamente. Compreende-se, então, que a gramática é uma estrutura em constante mutação/adaptação, que só se materializa em consequência das vicissitudes do discurso, através do uso da língua em uma situação concreta de intercomunicação.

A gramática é sensível às pressões do uso. Conforme é asseverado por Du Bois (1993), o que equaciona as relações entre discurso, ou uso, e gramática é a ideia de que: a) a gramática molda o discurso; b) o discurso molda a gramática.

No painel dessa corrente, a gramática é um sistema adaptativo, concebida, segundo Hopper (1988), como um conjunto de parcelas cujo estatuto vai sendo constantemente

negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separado das estratégias de construção do discurso.

A abordagem centrada no uso vislumbra o caráter emergente da gramática, enfatizando que as categorias gramaticais se atualizam, atuando em função das pressões externas do contexto. Du Bois (1985) descreve a gramática como um sistema adaptativo, em que forças motivadoras dos fenômenos externos interagem com o sistema da língua, confrontando e harmonizando-se sistematicamente entre si.

Furtado da Cunha (2013, p. 164) destaca o caráter maleável da gramática, enfatizando que, por ser assim, ela “[...] é uma atividade em tempo real, *online*, que emerge do seu contexto discursivo, e, dessa forma, é inseparável desse contexto. Não é, portanto, algo distinto do discurso, e sim toma parte ativa em sua constituição sempre que interagimos.”

Nessa perspectiva, parte-se de uma ideia de língua como objeto social, que se renova através da sua dinamicidade e sensibilidade ao uso. A língua é entendida como uma atividade em tempo real, portanto, nesse viés, não existe uma gramática pronta, acabada, mas sim numa contínua gramaticalização.

Segundo Neves (1997, p. 16), o que está implicado no modelo funcionalista é uma integração de sintaxe e semântica, dentro de uma teoria pragmática, o que envolve intervenção:

- i) Dos papéis envolvidos nos estados de coisas designadas pelas predicções (funções semânticas);
- ii) Da perspectiva selecionada para apresentação dos estados de coisas na expressão linguística (funções sintáticas);
- iii) Do estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas).

Portanto, a Pragmática é a moldura dentro da qual a Semântica e a Sintaxe devem ser estudadas. A Semântica é dependente da Pragmática, e as prioridades vão da Pragmática para a Sintaxe via Semântica.

Neves (1997) recorre a Givon (1984) para defender a integração dos componentes acima mencionados. Conforme afirma esse autor, a gramática não constitui uma mera lista não-ordenada de domínios funcionais não relacionados. Pelo contrário, ela parece ser internamente estruturada como um organismo, dentro do qual alguns subsistemas são mais proximamente relacionados entre si, tanto em função como em estrutura, do que outros, e no qual existe uma organização hierárquica. A sintaxe é vista como a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica e a pragmática.

Portanto, os domínios funcionais Sintaxe, Semântica e Pragmática estabelecem entre si uma relação de interdependência. Sendo assim, a semântica deve ser vista como instrumental em relação à pragmática, e a sintaxe, como instrumental em relação à semântica. Dik (1979, p. 06) ressalta que a gramática funcional:

Constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal. Requer-se dela, pois, que seja pragmaticamente adequada, embora se reconheça que a linguagem só pode funcionar por meio de arranjos sintaticamente estruturados. [...] A especificação gramatical de uma expressão, por outro lado, inclui a descrição semântica, não se admitindo a existência de uma sintaxe autônoma.

Ou seja, o alinhamento teórico funcionalista defende que a gramática é emoldurada a partir da interface harmônica entre os arranjos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Neste último, estão implicados dois níveis:

- (i) Aquele que se resolve mais internamente ao enunciado (por exemplo, o empacotamento da informação e a organização de seu fluxo, na textualidade);
- (ii) Aquele propriamente motivador e direcionador do ato de linguagem (as determinações interlocutivas envolvidas na interessoalidade) isto é, as marcas discursivas de subjetividade, que elucidam a atitude, juízo de valor e posicionamento dos falantes no processo comunicativo.

A noção de que um elemento ou expressão tem seu sentido estendido para novos valores tem relação com o princípio postulado por Werner e Kaplan (1963), chamado princípio da exploração de velhos meios para novas funções. De acordo com esse princípio, para expandir os contextos e atribuir funções novas para formas já existentes, não inventamos palavras novas (lexicalização), mas utilizamos o material que já existe na língua.

Ainda, está na base desse princípio a ideia de que os conceitos concretos são mobilizados segundo o *cline* da unidirecionalidade para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto, portanto, mais abstratizado, processo que envolve transferência conceptual (metáfora), aproximando domínios cognitivos diferentes, motivação pragmática, reinterpretação e reanálise induzida pelo contexto (metonímia).

Os funcionalistas defendem a ideia da não arbitrariedade da língua, entendendo que a estrutura linguística é motivada, ou seja, icônica. Em linguística, iconicidade é definida como a correlação natural entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu

*designatum* (conteúdo). Como a linguagem é ontologicamente uma faculdade humana, o que se supõe é que a estrutura linguística revela as propriedades da conceptualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana.

Admite-se assim, a relação entre cognição e gramática, assentando-se a iconicidade, isto é, a consideração de uma motivação para a forma linguística. Haiman (1985a) define a iconicidade como o paralelismo entre a relação das partes da estrutura linguística e a relação das partes da estrutura da significação, ou como assevera Croft (1990) a estrutura linguística reflete a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo conceptual (perspectiva imposta pelo falante da língua).

Gívon (1990) pontua que a estruturação é orientada pelos propósitos, ou seja, a cadência dos propósitos comunicativos dos interlocutores, e a expressão, por sua vez, é motivada pelas funções. Para o funcionalismo, a explicação linguística deve ser balizada, buscada nos usos e numa percepção pancrônica da língua. Tal assertiva consiste em um dos postulados do funcionalismo, ancorado no que formula Heine (1997): as motivações para o uso e o desenvolvimento da língua são externas à estrutura linguística, as explicações externas da língua tem maior poder do que as explicações internas.

Eis a questão: Então... O que leva os falantes da língua a automatizarem novas funções para formas já existentes?

Votre (2006, 140) concebe essa manutenção de formas e funções como uma necessidade de os falantes, a partir do mundo conceptual, recategorizarem as categorias gramaticais para atender às suas exigências comunicativas. O autor explica esse fenômeno através do que ele denomina de princípio de extensão imagética:

Assim que uma forma se apresenta ao uso de um grupo, suas potencialidades semânticas se disponibilizam instantaneamente na mente dos usuários, membros desse grupo. As possibilidades de manifestação dessas potencialidades dependem, criticamente, dos contextos comunicacionais em que se encontrem os membros da comunidade.

Sendo assim, a gramática funcional está atrelada aos mecanismos cognitivos do mundo conceptual dos falantes. Em consequência de suas experiências com o mundo biofísico, eles, num processo de extensão e de transferência metafórica, lançam inferências pragmáticas, a inferência sugerida. Segundo Bybee (2016, p.27), a memória enriquecida se refere à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados,

por isso, a categorização emerge do uso conceptual, desencadeando o processo de gramaticalização.

Nesse caso, pode-se dizer que o funcionalismo tende a adotar uma concepção pancrônica de mudança, observando não as relações sincrônicas entre seus elementos ou as mudanças ocorridas nesses elementos e nas relações ao longo do tempo, mas as forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal, pois evidenciam os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações.

Por isso, é imprescindível, para o conhecimento da língua, a análise dos aspectos cognitivos e socioculturais que se manifestam na interação verbal, envolvendo aquisição, evolução, deslizamentos, variações e mudanças. Esses fatores, por ação recorrente do uso humano, contribuem para criar as regularidades da língua e atestar a não autonomia da gramática, numa preparação para se instaurar o processo da gramaticalização ou de rotinização de alguns usos.

Nas subseções seguintes, discutiremos os princípios do funcionalismo, com ênfase para os processos de gramaticalização, o princípio da iconicidade e da marcação e a teoria da prototipicidade.

### **1.1 A gramaticalização: fluidez das categorias**

A língua é um fenômeno sociocultural e dinâmico, similar à metáfora das dunas de areia, utilizada por Bybee (2016) para referir-se à natureza da língua: as dunas têm regularidades aparentes de formato e estrutura, contudo elas também exibem gradiência e mudança no decorrer do tempo. Portanto, se quisermos entender os fenômenos que são tanto estruturados quanto variáveis, é mister que olhemos para além das formas superficiais mutáveis e consideremos, sobretudo, as forças externas que produzem os padrões observáveis.

A língua é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões, ao mesmo tempo em que mostra variação em todos os níveis. As línguas diferem umas das outras, possuem sintaxes diferentes, embora sejam moldadas pelos mesmos princípios. Ainda que difiram em pontos específicos, apresentam similaridades nos *clines* de tipos morfológicos, nas escalas de mudança, nos processos diacrônicos que criam morfemas gramaticais. A natureza da linguagem apresenta, portanto, gradiência, variação e mudança.

Entende-se por gramaticalização as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística desencadeando a alteração de seu estatuto categorial, e também abstratização de sentido. Conforme aponta Gonçalves (2007):

Os estudos precursores a ser identificados como de gramaticalização são datados a partir do século X, na China, e continuam a se desenvolver no século XVII, com Condillac e Rousseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra), e no século XVIII, com Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whitney (nos Estados Unidos). Finalmente, como hoje concebidos, chegam ao século XX, nas décadas iniciais (1912), tendo em Meillet (na França), a figura central. A partir disso, pode ser citado um rol de linguistas que desenvolveram pesquisas em gramaticalização nos meandros dessas décadas, principalmente, na Alemanha (Lehmann, Heine, Claudi e Hunnemeyer) e na Costa Oeste Americana (Gívon, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros). (GONÇALVES, 2007, p. 19).

Todos esses estudiosos comungam do pensamento no que tange a dois pontos:

- i) Fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro;
- ii) Consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

Tal pensamento coaduna-se com a acepção mais clássica de gramaticalização: palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das chamadas categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.).

É atribuído a Meillet (1912) o uso pioneiro do termo gramaticalização, para se referir à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”, ainda mesmo que as noções que embasam a gramaticalização já estivessem explícitas na linguística oriental do século X, que já depreendia distinções relevantes entre símbolos linguísticos vazios, estes concebidos como oriundos daqueles, conforme defende Heine (1991, p. 5).

Nos estudos precursores de Meillet, concebe-se a primeira ideia de gramaticalização como uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens, dos troncos linguísticos e das mudanças típicas envolvendo morfemas gramaticais, vindo a complementar o campo da etimologia e da evolução histórica das palavras.

Vale referenciar, também, em se tratando de estudos iniciais sobre gramaticalização, momentos anteriores a Meillet, representados pelo trabalho de Horne Tooke (1786, 1805, 1857, apud Heine, 2003), que já sinalizava que a língua é concreta em seu “estágio original” e

itens abstratos derivam de itens concretos, o que evidencia a natureza unidirecional da gramaticalização.

Hopper e Traugott (1993, p.XV) definem a gramaticalização como “o processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Nesse âmbito, os autores mostram que a gramaticalização não acontece de forma abrupta, mas de maneira lenta e gradual, obedecendo a uma evolução, um *continuum* gradual que se estabelece em unidades dependentes e independentes que se reorganizam no discurso, a partir de usos anteriores. Para Brinton e Traugott (2005, p.99, apud Cambraia, Ramalho e Stradioto, 2011, p.99):

Gramaticalização é a mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, o item gramatical resultante pode se tornar mais gramatical ao adquirir mais funções gramaticais e expandir suas classes de hospedeiros.

Os mesmos autores (2005, p.99-100) enumeram as principais características implicadas na definição acima (apud Cambraia, Ramalho e Stradioto, 2011, p. 35):

- (1) A gramaticalização é concebida como uma mudança histórica que resulta na produção de novas formas funcionais. Não é simplesmente um processo de adoção ou incorporação de elementos não alterados no inventário;
- (2) O *input* da gramaticalização pode ser qualquer item armazenado no inventário, de cadeias (*begoing to*) a construções (*letus* “deixe-nos” > *let* ‘shortativo’) e itens lexicais (*magan* “ter força para” no OE > *may* verbo auxiliar no inglês contemporâneo). No entanto, os itens no *input* devem ser semanticamente gerais;
- (3) Uma vez que os itens gramaticalizados estejam formados, frequentemente sofrem mudança posterior em direção ao pólo gramatical do contínuo léxico-gramatical (por exemplo, podem sofrer processos de fusão, etc.). Essa é uma mudança de menos para mais gramatical em uma escala de gramaticalidade (G1 > G2 > G3);
- (4) O *output* da gramaticalização é uma forma gramatical, isto é, uma forma funcional. Em casos mais avançados, a forma pode se tornar semanticamente esvaziada, isto é, desbotada, e até mesmo não-referencial (por exemplo, *do* em *Did she leave?*), ou pode se tornar fonologicamente esvaziada, mas ainda com significado (por exemplo, o morfema zero);
- (5) O *output* da gramaticalização pode ser uma forma com qualquer grau de complexidade. Formalmente, esses itens variam de construções gramaticais ou perífrases (G1) a palavras funcionais e clíticos (G2) e a flexões (G3);
- (6) A gramaticalização é gradual no sentido de que não é instantânea e se desenvolve através de passos bem pequenos e tipicamente sobrepostos, intermediários e, às vezes, indeterminados;

- (7) A gramaticalização tipicamente envolve fusão comum hospedeiro, às vezes seguida de coalescência/redução de sequências fonológicas (por exemplo, a fusão da perífrase latina (cant)-are *habeo* (infinitivo+haver +1ª pessoa do singular'). Frequentemente as formas reduzidas e fundidas passam a ser parte de um padrão mais geral de marcação gramatical, como o paradigma de caso ou o de tempo, um fenômeno que Lehmann (1995 [1982], p. 135) denomina “paradigmatização”;
- (8) A gramaticalização também comumente envolve a perda de significados concretos e literais (idiomatização, desbotamento), contrabalançada pelo fortalecimento e eventual semanticização de significados mais abstratos e gerais contextualmente derivados em contextos “ponte” (por exemplo, tornaram-se salientes implicaturas de futuridade contextualmente derivadas de certos usos da expressão *begoining to* com significado de movimento literal);
- (9) Como a gramaticalização sempre envolve “expansão de hospedeiros”, também envolve aumento na produtividade padrão e de *token* (produtividade de ocorrências).

Como podemos observar, para identificarmos se um item lexical ou uma construção está passando por um processo de gramaticalização, é importante perceber primeiramente se o item ou construção está perdendo traços de seu conteúdo semântico, traços prototípicos de sua história lexical original. É possível que, ao perder transparência semântica, o item ou construção siga um *cline* unidirecional do mais concreto>mais abstrato, ou do menos gramatical>mais gramatical.

No entanto, há formas que não se esvaziam, não desbotam semanticamente de forma total, ou seja, ainda mantêm traços prototípicos de sua função-fonte, havendo, portanto, uma relação de coexistência harmônica entre as funções estratificadas e as funções mantidas da categoria-fonte. E, à medida que a forma for sendo rotinizada, pode tornar-se obrigatória.

Bybee (2003) argumenta que a repetição frequente de uma forma desempenha um importante papel nas seguintes mudanças que ocorrem durante o processo da gramaticalização:

- i) A alta frequência de uso leva ao enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade – processo por meio do qual um organismo deixa de responder com a mesma eficácia, a um estímulo repetido;
- ii) Mudanças fonológicas de redução e de fusão de construções gramaticalizadas são condicionadas por sua alta frequência e por seu uso em porções de enunciado que contém informação velha ou de fundo;
- iii) O aumento de frequência leva a uma maior autonomia de uma construção, o que significa que componentes individuais da construção (tal como a flexão em todos os tempos, estrutura argumental etc.) enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item (os usos menos gramaticalizados);
- iv) A perda de transparência semântica que acompanha a separação entre os componentes da construção gramaticalizada e seus congêneres lexicais

- permite o uso da forma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando à mudança semântica;
- v) A autonomia da forma de uso frequente torna-a mais enraizada [*entrenched*] na língua e frequentemente condiciona a preservação de algumas das suas características morfossintáticas obsoletas.

Dessa maneira, a gramaticalização é considerada um processo dinâmico que reflete não somente o movimento contínuo em torno da estrutura que está em processo de abstratização de sentido, sendo concebida, também, como uma atividade cognitiva com reflexos na própria estrutura.

Para Bybbee (2003), a frequência de uso é o que desencadeia o enfraquecimento semântico dos itens, que se tornam cristalizados, habituados no discurso. Para atender às pressões da informatividade e o princípio da economia, o item vai desgastando-se semanticamente, isto é, quanto mais presente no discurso, maior a possibilidade de desgaste e empalidecimento semântico.

Para aferir o estágio e os graus de gramaticalização experimentados pelo item *então*, teremos como norte o princípio da iconicidade, os princípios de gramaticalização de Hopper (1991) e os mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994), como discutiremos nas subseções seguintes.

## 1.2 Iconicidade e o princípio da marcação

Considerando que a linguagem é icônica por natureza, a iconicidade é compreendida como uma motivação para os fenômenos linguísticos ocorrerem de uma forma e não de outra, vista como uma inclinação oposta à outra tendência conceptual existente nas línguas: a arbitrariedade.

Gívon (1975) proveu um argumento essencialmente icônico para a gramaticalização e o seu efeito colateral, a unidirecionalidade. O autor defende que relações semânticas estão associadas aos padrões formais usados para expressá-las, levantando a hipótese de que a informação lexical de caráter representacional tende a ser expressa por formas plenas estruturalmente mais complexas. Além disso, os elementos de valor gramatical, por não possuírem função representacional, isto é, não apresentam informações semanticamente imprescindíveis, sofrem erosão fonética com mais facilidade.

Neste sentido, estão emparelhadas em termos comunicativos, a importância do relevo informativo e a quantidade de forma utilizada para expressá-la. Isso se refere a efeitos associados à frequência de uso do elemento linguístico, sua menção ou não, em um contexto

próximo, com o nível de dificuldade que os falantes têm de conceptualizar as informações por ele expressas.

O princípio da iconicidade imbrica o princípio da marcação, que foi herdado da linguística estrutural desenvolvida pela Escola de Praga. Para estabelecer o princípio, Givón (1995, 2001) observa a distinção binária ou eneária-“um membro do par/dos pares tem presença de uma propriedade e o outro tem ausência”, - e apresenta três critérios de análise das categorias marcadas e não marcadas: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

- i) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) ou mais elaborada do que a correspondente não marcada, ou seja, a estrutura não-marcada tem menor número de morfemas, ou menos massa fônica, em relação à marcada;
- ii) Distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente do que a correspondente categoria não marcada;
- iii) Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de esforço mental, atenção demandada e tempo de processamento do que a não marcada.

Furtado da Cunha, Cezário e Costa (2015, p. 26) indicam que no comportamento desses três critérios, haveria uma tendência à concomitância:

Admite-se que a correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa frequência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, dado que representa o isomorfismo entre correlatos substantivos (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos formais da marcação. Assim, as categorias mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas.

Os autores salientam que esses três critérios podem correlacionar-se, mantendo uma relação harmônica. Tais critérios são dependentes do contexto, podendo ocorrer simultaneamente, um subprincípio poderá ocorrer com mais saliência e frequência do que o outro, mas podem coexistir harmonicamente. Givón (1995) aborda que uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não marcada em outro, e acrescenta, que, desse modo, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.

Outra observação givoniana pertinente é que a marcação não se restringe às categorias linguísticas, mas pode estender-se a outros fenômenos, como a distinção entre o discurso formal e a conversação espontânea. Por tratar de assuntos mais abstratos e complexos, o discurso formal é mais marcado em relação à conversação informal, que é cognitivamente processada com mais celeridade e facilidade por referir-se, em geral, a assuntos triviais e fisicamente perceptíveis do cotidiano social.

### 1.3 Princípios de gramaticalização de Hopper

Hopper (1991) afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluídos da linguagem, o autor propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais do processo de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

Esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não à gramática.

O princípio da *estratificação*, segundo Hopper (1991), ocorre quando em um mesmo domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas, ou seja, é uma competição entre as formas funcionais já existentes e outras que vão surgindo.

Hopper (1991) caracteriza a estratificação como um princípio em que dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas emergem continuamente. Quando isto acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas.

É importante ressaltar que, ao surgirem novas formas, a substituição das equivalentes não eclode de maneira abrupta, ou pode até mesmo não vir a acontecer, o que implica a interação e coexistência de “camadas” novas e antigas convivendo em um mesmo domínio funcional. Dessa forma, o princípio da estratificação não surge para a eliminação das formas antigas e a substituição pelas formas novas, mas, sobretudo, consiste no “amontoamento” no mesmo domínio funcional, de formas diferentes, mas que codificam funções similares, correlacionando-se entre si.

Esse princípio aponta que uma das consequências e o gatilho da gramaticalização é justamente a convivência harmônica de soluções gramaticais distintas num mesmo corte sincrônico.

Já o princípio da *divergência* remete aos diferentes graus de gramaticalização de um item lexical e é aplicável aos casos em que um item autônomo se gramaticaliza em um contexto, deixando de fazê-lo em outros. Este princípio explica a existência de formas etimologicamente e morfologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes.

O autor salienta que, quanto a esse princípio, quando a forma lexical gramaticalizou-se num clítico ou num afixo, a forma original permanece como um elemento autônomo e sofre as mesmas mudanças que um item lexical comum.

O terceiro princípio, a *especialização* tem relação com a escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função. À medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, vai se tornando mais frequente, mais rotinizada e cristalizada, habituando-se entre as interlocuções dos falantes, que tornam obrigatórios determinados usos para atender às demandas comunicativas.

A especialização evidencia o quanto o sistema linguístico é emergente e adaptativo, e o quanto os falantes são criativos, visto que automatizam e desautomatizam novas funções para formas já existentes, especializando funções diferentes para essas formas na expansão dos diversos contextos comunicativos.

O quarto princípio, o da *persistência*, é o que prevê a manutenção de alguns traços morfossintáticos e semânticos da função-fonte na forma gramaticalizada. Conforme salienta Hopper (1991), quando uma forma se gramaticaliza, passando de uma função lexical para uma função gramatical, tanto quanto isto seja gramaticalmente viável, alguns traços do seu significado lexical original tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical.

Por fim, o último princípio, a *descategorização*, remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. A descategorização ocorre quando formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas Nome e Verbo, e assumem atributos característicos das categorias secundárias tais como o adjetivo, o particípio, a preposição, etc. Portanto, ocorre nesse princípio um desbotamento semântico e perda parcial de transparência semântica.

Nesta pesquisa, utilizaremos esses princípios para explicar o estágio de gramaticalização do *então*, nosso objeto de estudo, a partir das categorias de análise criadas, as quais revelam o comportamento multifuncional do item.

#### 1.4 Mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee

Bybee (1994) postula cinco mecanismos motivadores da gramaticalização. Para a autora, esses mecanismos podem ser indicativos do estágio de gramaticalização dos itens ou construções. Ela assim os nomeia: *extensão metafórica*, *inferência*, *generalização*, *harmonia* e *absorção*.

A *extensão metafórica* é caracterizada por meio de duas propriedades:

- (i) Mudança de domínio mais concreto para um domínio mais abstrato;
- (ii) Preservação de algum traço da estrutura relacional original.

O mecanismo da *extensão metafórica* denota o estágio inicial da gramaticalização, a primeira propriedade consiste no princípio da unidirecionalidade, em que o item ou construção migra de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, ou do menos gramatical para o mais gramatical, através da transferência de sentidos na expansão dos contextos. A segunda propriedade é similar ao princípio *hopperiano* da persistência, em que o item ou construção mantém traços de sua função-fonte.

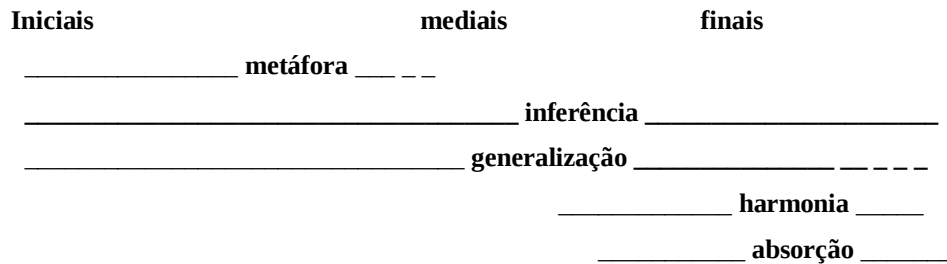
A *inferência* remete à implicatura, visto que, enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai os significados necessários à compreensão da asserção. Ou seja, esse mecanismo se relaciona com a pressão da informatividade e com a inferência sugerida que envolve a implicatura conversacional. Os falantes utilizam funções diversas da mesma forma para atender as demandas do contexto comunicativo.

A *generalização* representa a perda de traços específicos de significado, com a consequente expansão de contextos apropriados para o uso. Destaca-se, nesse mecanismo, a frequência de uso do item, ou seja, quanto mais frequente forem as ocorrências deste, mais fixo, mais cristalizado, habituado e obrigatório ele será na expansão dos diversos contextos.

O mecanismo da *harmonia* é restrito a elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico, é aplicável a estágios mais avançados de gramaticalização. Nesse mecanismo, o item perde traços prototípicos, descategorizando-se, ocorre enfraquecimento semântico, em que se percebe no item maior presença dos traços

discursivo-pragmáticos da função-alvo/meta. Por fim, a *absorção* representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado. Ou seja, os falantes absorvem totalmente o uso da função-alvo nos diversos contextos comunicativos.

Bybee (1994) frisa que esses mecanismos de mudança operam em diferentes estágios do processo de gramaticalização, como representado a seguir:



**Esquema 1:** Estágios de gramaticalização (BYBEE, 1994, 279).

De acordo com o esquema acima, em que podemos observar os diferentes estágios de gramaticalização, a autora propõe que o processo inicia pela extensão metafórica, num estágio mediano estariam a inferência e a generalização, e, em estágio mais avançado, a harmonia e a absorção.

Na próxima seção, discutiremos sobre a noção de prototipicidade, a qual acomoda a concepção de gramaticalização, uma vez que, nesta, os itens vão fluindo entre as classes, o que elimina a ideia de que há fronteiras discretas entre elas.

## 1.5 A teoria dos protótipos

A categorização clássica, baseada em Aristóteles e a categorização natural, baseada em Wittgenstein, são as duas formas de categorização linguística. A categorização clássica considera que as classes gramaticais são discretas, sem possibilidades de gradações, mais ou menos como se procede na gramática tradicional.

Com efeito, os pontos cruciais da teoria clássica (aristotélica), segundo Taylor (1995 p. 79-80) são:

- i) Todos os membros de uma categoria têm igual estatuto;
- ii) Todos os não-membros de uma categoria têm igual estatuto;
- iii) Há um conjunto fixo de condições necessárias e suficientes que definem a pertinência de um membro a cada categoria;
- iv) Todos os traços necessários e suficientes para definir uma categoria têm igual estatuto;
- v) Os limites das categorias são fixos.

Castilho (2001, p. 21) acrescenta a essa teoria:

- i) Os atributos criteriosais permitem uma predizibilidade absoluta sobre as entidades que integram determinada categoria;
- ii) Uma entidade pode ser julgada, não problematicamente, como tendo ou não esses atributos.

É perceptível que a natureza da concepção aristotélica não se preocupa em capturar o que seria a essência da categoria, levando-se em consideração que alguns elementos são melhores representantes da categoria do que outros, justamente por serem dotados de mais traços essenciais do que outros. Pelo contrário, a teoria clássica fornece uma explicação direta para o fato de separarmos membros e não-membros de uma categoria.

As características definidoras do modelo clássico são apontadas por Smith e Medin (1981) no livro *Categories and Concepts* (apud Lima 2010, p. 113):

- (a) as categorias são arbitrárias. Itens podem ser agrupados de inúmeras maneiras para formar categorias, e as pessoas podem aprender a identificar ou construir essas categorias definidas pela sua cultura, pois nada no mundo ou em nosso sistema nervoso determina como devemos repartir as nossas observações;
- (b) as categorias possuem atributos definidores ou críticos. Todos os membros de uma categoria compartilham destes atributos definidores, nenhum não-membro compartilha deles, e não há sobreposição entre membros e não membros;
- (c) a intensão (ou conjunto de atributos) determina a extensão de uma categoria (quais itens são membros). De maneira que não faz sentido falar que uma categoria tem uma estrutura interna, com alguns itens se destacando como membros melhores do que outros itens.

Essa concepção adota a perspectiva formalista e essencialista, de caráter arbitrário, assim, cada conceito possui definições que vão caracterizá-lo e determinar se tal elemento pertence ou não àquela classe. Após o reconhecimento de pertença à determinada categoria, os membros serão agrupados pelos traços essenciais que possuem ou não possuem, se os elementos fossem dotados de todos os traços essenciais, seriam agrupados como pertencentes a uma categoria A, caso contrário, seriam reagrupados para uma categoria B.

Essa concepção fechada e discreta de categorização foi refutada pela categorização da vertente natural. A teoria dos protótipos se espelhou em Wittgenstein para explicar que o significado é profundamente dependente do contexto que, pela característica da não discretude, envolve-se em um *continuum* gradual de categorização.

Wittgenstein (1953) refuta os pensamentos clássicos aristotélicos, defendendo que os limites das categorias não são tão previsíveis e não é possível fechar a categoria, argumentando que não existem traços idênticos compartilhados pelos elementos dentro de uma mesma categoria, mas sim semelhanças por familiaridade. Pensando em categorias horizontais que se associam por semelhanças, por aproximação categorial, em outras palavras, demarca-se que, as categorias não são fechadas por aspectos pré-estabelecidos e podem atingir tamanhos imensuráveis. Portanto, as categorias não são fechadas e através do uso da linguagem é que determinamos sobre qual aspecto estamos tratando o elemento da categorização.

A noção de prototipia foi inicialmente desenvolvida por pesquisas na área da psicologia cognitivista, com um estudo sobre as cores, para posteriormente ser aplicada aos estudos linguísticos. Os resultados das pesquisas apontam que, apesar de as línguas apresentarem uma variedade de cores, evidências experimentais determinam que existam cores focais<sup>1</sup>. Essas representam melhor a categoria. É a base para a generalização da categoria completa. Assim, a existência das demais categorias de cores do *continuum* centro-periferia é determinada por fatores biológicos e cognitivos.

De alguma maneira, a teoria dos protótipos encontrou inspiração na teoria das cores, visto que, em verdade, o processo de categorização das formas obedece a um *continuum*, dado o processo evolutivo da língua e, destarte, o ideal será mesmo considerar as categorias como focais.

É perceptível que os atributos se ordenam dentro de uma categoria com diferenças de graus, os quais são reflexos das projeções cognitivas. Os membros que se localizam próximo ao centro serão os prototípicos e os que se localizam distantes do centro são periféricos, portanto, mais passíveis de pertencer à outra classe gramatical. A elaboração da crítica pelos que adotam a teoria dos protótipos começa por preferir a denominação atributos a traços, admitindo que o conceito de atributo concentra características mais perceptíveis, como assevera Taylor (1995, p. 40-41):

- i) São menos abstratos;
- ii) São não binários;
- iii) São funcionais ou interacionais;
- iv) São culturais (não são traços semânticos primitivos - valor simbólico);

---

<sup>1</sup> A teoria das cores básicas é um argumento que sustenta a noção de protótipos. Estudos de Berlin e Kay (1969) revelam que a língua possui um inventário de onze cores focais (nível básico), de base cognitivo-perceptual. O *continuum* da cor é representado por unidades focais, ou seja, pela nuance que melhor representa a categoria. Dessa forma, existe a cor que melhor representa a cor vermelha, a cor verde, etc.

- v) Muitos atributos que integram uma categoria são “acidentais” (em termos aristotélicos);
- vi) Nunca se lida apenas com um atributo para categorizar o mundo.

Para Taylor (1992), não há como capturar o que seria a “essência da categoria”, vez que nenhum dos atributos carrega sozinho essa propriedade. O autor destaca, assim, a importância da admissão da gradualidade como uma característica da categorização, rebatendo a teoria clássica com a questão: até que ponto tal objeto, tal elemento pertence a tal categoria? Taylor (1992) admite que o sistema da cognição humana necessita de certa estabilidade, já que as categorias prototípicas são mais flexíveis, permitem a acomodação de membros novos, sem demandar a criação de novas categorias.

Givón (1986) apresenta uma proposta de uma solução híbrida para conectar as duas categorias, segundo ele, são prototípicos os itens de uma determinada categoria que compartilham os traços semânticos ou propriedades dessa categoria. Os itens que compartilham um maior ou menor número de traços do núcleo prototípico apresentam diferentes graus de prototipicidade. À proporção que uma forma se afasta do núcleo prototípico, ela tende a assumir outras funções. Desse modo, o critério que determina a classificação de um item, forma ou construção, depende da relação de aproximação ou distância do protótipo-base.

Portanto, em linhas gerais, o Funcionalismo abriga a prototipia e a gramaticalização por pautar-se na fluidez das categorias, deixando evidente a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto das categorias, ligando-se, sobretudo, conforme destaca Neves (2006, p. 17), aos fins a que servem as unidades linguísticas, isto é, o funcionalismo ocupa-se das funções dos meios linguísticos de expressão.

No próximo capítulo, teceremos explanações a respeito da natureza heterogênea do *então*, faremos uma revisão bibliográfica, apresentando o tratamento de que o item tem sido alvo nas diversas abordagens.

## CAPÍTULO 2

### 2 ENTÃO, ENTÃO... EXISTE NA GRAMÁTICA UMA CLASSE MAIS HETEROGÊNEA QUE A MINHA? O REINO PANTANOSO DOS ADVÉRBIOS

Neste capítulo, faremos uma revisão bibliográfica do que diz respeito ao *então*, através do cotejamento em gramáticas de abordagem tradicional, como também, recuperaremos o Estado da Arte, revisitando teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos que tratam sobre a gramaticalização do *item*. Em seguida, teceremos explanações sobre a trajetória de gramaticalização experimentada pelo *item* no plano textual: advérbio > operador argumentativo (juntor/conector/ sequenciador) e no plano discursivo: operador argumentativo > marcador discursivo.

A gramática tradicional enquadra o *item* *então* no rol dos advérbios de tempo, classificando-o como uma palavra de natureza invariável e, do ponto de vista da parataxe, alguns gramáticos asseveram que ele pertence também à classe das conjunções conclusivas.

Coutinho (2011, p. 163-164) ressalta que os advérbios portugueses derivam-se do latim. A língua vulgar latina costumava com frequência formar locuções com valor adverbial, como *ab + ante* > *avante*, *ad + trans* > *atrás*, *ad + sic* > *assim*.

Segundo o autor, o latim clássico tinha várias terminações para formar os advérbios de modo. Eram elas *-im*, *-ter*, *-tus*, *-e*, *-o*, *-um*: *sensium*, *firmiter*, *radicitus*, *romanice*, *certo*, *multum*. Tais advérbios de modo não passaram ao latim vulgar. Dos terminados em *-e*, entretanto, podem ser citados: *tarde* > *tarde*, *bene* > *bem*, *male* > *mal*.

De acordo com Coutinho, para compensar esta perda, o latim vulgar usou longamente uma locução que consistia em se ajuntar a um adjetivo qualquer no feminino, a palavra *mentis* (espírito) no caso ablativo. Encontram-se vestígios em bons escritores latinos: *mente fenerant plácida* (Ovídio, *Met*, XIII, 214); *bona mente factum* (Quintiliano, *Inst. Orat.*, V, 10, 52).

É mister frisar que desta locução surgiu o novo processo de formação dos advérbios de modo, que se radicou nas línguas românicas. Conforme salienta Leite de Vasconcelos, no português antigo até se separavam os dois elementos do advérbio: *mente*, na sua qualidade de substantivo, e o adjetivo correspondente, por exemplo, *cortês mente*; nas locuções *à boa mente*, *de boa mente*, as quais por causa do *a* e do *de*, é menos exato escrever *boamente*, mostra-se ainda *mente* como substantivo.

A origem latina do *então* oriunda-se da antiga forma *intunc* (in + tunc). Segundo Ernout e Meillet (1959), *tunc* é o resultado da formação tum+ ce, sendo a partícula ce um elemento de valor demonstrativo comum nas línguas itálicas, que se liga normalmente a pronomes demonstrativos, como *hic(e)* (este) e *illic(e)* (aquele), ou a advérbios tirados de temas demonstrativos, como *sic(e)* (assim) e *nunc(e)* (agora).

O elemento *tum*, segundo Faria (1975), tem valor de advérbio e pode significar “*então, naquele tempo, depois disso, donde, além disso, por outro lado*”. A base demonstrativa de *tum* pode ser encontrada em Leite e Jordão (1958), que apontam, como origem desse elemento a raiz do grego antigo *te*, que também está na base dos demais elementos de intensificação *talis*, *tantus*, *totetame* dos pronomes *iste*, *ista*, *istud*, que podem significar esse, essa, isso; tal, tamanho, semelhante.

Essa origem demonstrativa (que remete a dados espaciais) do elemento *tume* dos demais elementos de intensificação acima mencionados explica o valor anafórico, que estes elementos apresentam até hoje. É desse valor anafórico que surgem os atuais valores argumentativos desses elementos: *então* (conclusivo), *portanto* (conclusivo), *entretanto* (adversativo), entre outros.

Câmara Jr. (1986, p. 67-70) define que a classificação dos vocábulos formais é distribuída em três grupos: o dos verbos, o dos nomes e o dos pronomes. Nos grupos dos nomes e dos pronomes, ele inclui três classes: o substantivo (como termo determinado), o adjetivo (como termo determinante de outro nome) e por fim, o advérbio (como termo determinante de um verbo).

Castilho (2010, p. 542) arrola 10 espécies de advérbios:

1. Afirmação: *sim, certamente, efetivamente, realmente*;
2. Dúvida: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez*;
3. Intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*;
4. Lugar: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*;
5. Modo: *assim, bem, de balde, depressa, devagar, mal, melhor, pior e a maioria dos terminados em-mente*;
6. Negação: *não, nunca, jamais, sequer*;
7. Tempo: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*;
8. Ordem: *primeiramente, ultimamente, depois*;
9. Inclusão: *inclusive, somente, mais, também, até*; e exclusão: *apenas, salvo, senão, só*;
10. Designação: *eis*.

De acordo com o autor, se for considerada a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, a classe dos advérbios ganha mais quatro espécies, visto que, Oiticica (1952) inclui entre os advérbios as “palavras denotativas”:

1. Realce: *lá (em sei lá), cá;*
2. Retificação: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor;*
3. Situação: *afinal, agora, então (em então conheceu a vizinha?), mas (em desculpe-me... mas sente-se mal?);*
4. Advérbios interrogativos: de causa (*por quê?*), de lugar (*onde?*), de modo (*como?*) e de tempo (*quando?*).

Conforme a visão classificatória de Oiticica, o *então* enquadra-se no rol das palavras denotativas que expressam ideia de situação. Dessa maneira, na concepção do autor, o *então* deve ser incluído no rol dos advérbios, pelo fato de possuir valor semântico e funcional de um advérbio.

Dessa forma, entende-se por palavras denotativas, palavras que se assemelham a advérbios, no entanto apesar dessa característica, não possuem estatuto semântico de tal classe. São dotadas de importância morfológica, são invariáveis, sintaticamente podem ser retiradas da oração, sem causar nenhum prejuízo semântico, e do ponto de vista semântico, exercem um importante papel no tocante a produção de sentido nas situações efetivas de comunicação.

Considerando a carga semântica muito variável e a extrema mobilidade funcional que possuem os advérbios, torna-se difícil estabelecer uma definição homogênea, clara e coerente para esta classe de palavras, já que o terreno dos sentidos é escorregadio.

Bechara (2009, p. 290), ao tecer explicações sobre as circunstâncias adverbiais, aventa que o advérbio constitui uma classe de palavra muito heterogênea, por isso, segundo o autor:

Torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo anteceder-lo ao vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Bechara (2009) enfatiza que a flutuação, a autonomia e a liberdade sintática são peculiaridades ontológicas dos advérbios. Segundo ele, os advérbios possuem contorno entonacional muito variado e mobilidade posicional, atuando a serviço do propósito

comunicativo do falante, que ora pode usá-lo para introduzir o turno conversacional, para demarcar a abertura do tópico discursivo, ou para topicalizar alguma informação nova, como também, para finalizar o assunto do fluxo temático.

Para o autor (2009, p. 290-291), as principais circunstâncias expressas pelos advérbios ou locução adverbial são:

1. *Assunto*: Conversar sobre música;
2. *Causa*: Morrer de fome;
3. *Companhia*: Sair com os amigos;
4. *Concessão*: Voltaram apesar do escuro;
5. *Condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença;
6. *Conformidade*: Fez a casa conforme a planta;
7. *Dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro;
8. *Fim*: Preparou-se para o baile;
9. *Instrumento*: Escrever com lápis;
10. *Intensidade*: Andou mais depressa;
11. *Lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali;
12. *Modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas;
13. *Referência*: “O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, minguá-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores” [LCo apud FB. 1, 218];
14. *Tempo*: Visitaram-nos hoje. *Então* não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu;
15. *Negação*: Não lerá sem óculos.

Na visão de Bechara (2009), o *então* figura no rol dos advérbios de tempo, ele pontua que há advérbios de tempo e lugar que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição e faz alusão ao *então*, como por exemplo, nesse caso: “*Até então* os telefones não funcionavam”.

Melo (1978, p. 104) adota a denominação corrente de advérbio para a palavra que circunstancia ou intensifica a significação de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio e, em certos casos, de um pronome ou de um nome. Na classificação e concepção adotada por Melo, o *então* é concebido como um advérbio de tempo.

Faraco (1987, p. 279) corrobora com a concepção de que o advérbio é a palavra que modifica um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira. Para ele, o *então* é visto como uma palavra denotativa de situação. Ex: *Então*, o senhor ia ser diplomata.

Na visão de Cegalla (2008) advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem: de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo, figurando entre os advérbios de tempo: *agora, hoje, amanhã, depois*,

*ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui...*

Saviolli (1994, p. 370) frisa que advérbio é a classe de palavras que:

- i) Do ponto de vista sintático, vem associada ao verbo, ao adjetivo ou ao próprio advérbio, podendo inclusive modificar uma frase inteira;
- ii) Do ponto de vista mórfico, é invariável;
- iii) Do ponto de vista semântico, denota circunstâncias de modo, tempo, lugar, etc.

Saviolli destaca que algumas palavras, apesar de apresentarem forma semelhante à dos advérbios, a rigor não podem ser consideradas como tais. Por isso, são classificadas à parte, como palavras denotativas, e o *então* por sua vez, conota a ideia de palavra denotativa de situação.

Ex: **Então** o menino chegou-se até a janela e deu um grito.

Azeredo (2011, p. 192-193) assevera que o advérbio:

É a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas do advérbio. A maioria delas, porém, emprega-se para localizar no tempo ou espaço os objetos a que referência nos nossos discursos. Expressam basicamente posições temporais (advérbios de tempo) relativamente a um ponto convencional na linha do tempo: cedo, tarde, ontem, hoje, amanhã, antes, agora, depois, então, aí, logo, já, etc. Expressam basicamente posições espaciais (advérbios de lugar) relativamente a um ponto convencional, físico ou textual: aqui, aí, ali, acolá, acima, abaixo, além, aquém, dentro, fora, afora, atrás, alhures, etc.

Em consonância com o que salienta Azeredo, a heterogeneidade da categoria gramatical advérbio, devido ela exprimir posições temporais e espaciais, com papel temático dêitico e anafórico. Apontando as características exponenciais dessa categoria como a natureza invariável e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica.

Mira Mateus (2003, p. 417) redimensiona o olhar em relação à categoria dos advérbios e apresenta uma nova categorização, quando apregoa que o advérbio é uma classe ou categoria de palavras bem heterogênea e complexa, cuja designação apoia-se na ideia enganosa de que modifica apenas verbos e que geralmente vem ao lado deles: na realidade, os advérbios modificam vários tipos de constituintes e podem exercer posições diversas.

No quadro resumitivo a seguir, com base nas gramáticas tradicionais pesquisadas, apresentamos a ocorrência ou não do *então* na classe dos advérbios de tempo ou no grupo das palavras denotativas de situação:

**Quadro 01** – Quadro resumitivo da posição dos gramáticos quanto à classificação do *Então*

| <b>Fontes</b>                    | <b>Categorias de ocorrência do <i>Então</i></b> |
|----------------------------------|-------------------------------------------------|
| <b>Oiticica (1952)</b>           | Palavra denotativa de situação                  |
| <b>Melo (1978)</b>               | Advérbio de tempo                               |
| <b>Faraco &amp; Moura (1987)</b> | Palavra denotativa de situação                  |
| <b>Sacconi (1994)</b>            | Palavra denotativa de situação                  |
| <b>Saviolli(1994)</b>            | Palavra denotativa de situação                  |
| <b>Infante (1995)</b>            | Advérbio de tempo                               |
| <b>Rocha Lima (1999)</b>         | Advérbio de tempo                               |
| <b>Terra (2002)</b>              | Palavra denotativa de situação                  |
| <b>Cegalla (2008)</b>            | Advérbio de tempo                               |
| <b>Bechara (2009)</b>            | Advérbio de tempo                               |
| <b>Castilho (2010)</b>           | Advérbio de tempo                               |
| <b>Azeredo (2011)</b>            | Advérbio de tempo                               |

**Fonte:** Gramáticas tradicionais

O quadro acima ilustra o posicionamento de 07 gramáticos que situam e classificam o *então* como advérbio de tempo, e 06 que o consideram uma palavra denotativa de situação, portanto, observa-se que não há entre eles um consenso quanto à classificação do *então*, implicando numa questão de ponto de vista, por parte de cada gramático e de quais critérios - mórfico, sintático, semântico - ele será analisado.

Com base em Castilho (2010, p. 543):

Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis, conquanto a precária fronteira entre eles e os adjetivos criem certa trepidação nessa propriedade; Sintaticamente, os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes que ele toma por escopo; A dimensão semântica implica em identificar três grandes classes funcionais de advérbios: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. Finalmente, a dimensão discursiva permite identificar os advérbios que atuam como conectivos textuais. Outra função é a de orientar o eixo argumentativo do texto.

É mister ressaltar que essa definição de advérbio proposta por Castilho, difere-se das demais concepções já citadas, pelo fato do autor elucidar sobre a dimensão discursiva e pragmática dos advérbios, explicitando a multifuncionalidade e heterogeneidade dessa categoria gramatical, onde os advérbios podem atuar como conectivos textuais, como é o caso do nosso objeto de estudo *então*, como também podem orientar o eixo argumentativo do texto.

Quanto à forma, diz-se que os advérbios são palavras invariáveis e que podem modificar o verbo. Na dimensão semântica, os advérbios são classificados em três grupos: os predicativos (modalizadores, qualificadores e quantificadores), os de verificação (focalização, inclusão/ exclusão, afirmação e negação) e os dêiticos (locativos e temporais).

Os conectivos textuais derivaram-se de advérbios por gramaticalização, essa abstratização dos advérbios em conectivos textuais evidencia que eles, com base em Castilho (op. cit. P. 581): (i) ligam segmentos textuais; (ii) localizam esses segmentos no tempo e no espaço do discurso; (iii) estabelecem relações de causa e consequência.

Na seção seguinte, teceremos explicações a respeito do estágio de gramaticalização do *então* no processo de migração de advérbio > conjunção.

## **2.1 E *então*... A gramaticalização do *então* advérbio > conjunção já se cumpriu?**

Partindo de estudos da Gramática Histórica, no que tange aos advérbios, que deslizam do ponto de vista categorial, para exercer a função de conjunções, nos ancoramos em Coutinho (2011, p.269) para explicar esse processo. O autor frisa que, ao contrário das preposições, poucas foram às conjunções que o português herdou do latim. Sendo assim, para

suprir tal deficiência, a língua recorreu às outras classes de palavras, sobretudo, aos advérbios e às preposições, dando-lhes função conjuncional.

Said Ali (1964, p. 220) também destaca o papel de advérbios e pronomes na formação de conjunções:

Obscura é a origem de algumas conjunções latinas; porém a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria criado vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e serviram também pronomes do tipo relativo-interrogativo, ou temas pronominais acrescidos de novos elementos.

Portanto, a categoria das conjunções via empréstimo herdou da categoria dos advérbios os itens que possuem identidade e estatutos categoriais semânticos semelhantes.

Câmara Jr. (1975), por sua vez, defende que “geneticamente, a conjunção coordenativa é sempre um advérbio”. Paul (1886) já afirmava que as conjunções (“palavras de ligação”, em sua terminologia) derivam historicamente de advérbios conjuncionais ou de alguns usos de pronomes conjuncionais, itens que já serviam para ligar orações antes mesmo de se transformarem em conjunções propriamente ditas.

Nessa conjectura, constata-se que é a categoria dos advérbios que fornece elementos para as conjunções.

É mister destacar o estudo de Carone (1988) sobre a coordenação e a subordinação, em que a autora defende que geralmente as conjunções são expressões que deslizaram do estatuto de advérbio para o de conjunção.

Almeida (1957, p. 261) considera que é simples o advérbio que só tem função de advérbio (hoje, amanhã, sim, não, muito, pouco, sempre, nunca) e conjuntivo o que advérbio que, além de funcionar na oração como advérbio, funciona também como conjunção: *quando, onde, como, enquanto*, etc.

Segundo Melo (1978, p. 108), conjunção é uma palavra ligadora, que exprime as relações de paralelismo sintático, ou de dependência quando o elemento subordinado for uma oração.

Melo classifica as conjunções em coordenativas e subordinativas. As conjunções coordenativas distribuem-se em várias subclasses, de acordo com a ideia que expressam, podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. O autor enquadra o *então* como pertencente às conjunções conclusivas.

Bechara (2009, p. 322) nomeia de unidades adverbiais, os advérbios que não são conjunções coordenativas, mas sob o aspecto semântico desempenham esse papel na oração:

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso *depois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as explicativas (*pois*, *porquanto*, etc.) e conclusivas (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias e, entre brasileiros, em Maximino Maciel. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel de conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Bechara (2009) pontua que alguns gramáticos influenciados por aspectos de natureza semântica incluem no rol das conjunções conclusivas, advérbios que têm funções interoracionais e intertextuais. Segundo o autor, apesar das proximidades semânticas, esses advérbios possuem estatutos diferentes.

O autor refuta a tradição gramatical, e classifica o *então* como uma unidade adverbial, com função semântica equivalente a uma conjunção conclusiva.

Neves (2000, p. 241) prefere nomeá-los com o rótulo de “advérbios juntivos”, e os define como advérbios de valor anafórico que promovem a conjunção de orações e estabelecem relações de sentido, sobretudo, relações adversativas (porém, contudo, entretanto, todavia, no entanto) e conclusivas (portanto, por conseguinte, *então*).

Martelotta (1994) à luz de uma teoria de base pragmático-discursiva nomeia o *então* como operador argumentativo, pois, segundo ele, sua função não é simplesmente relacionar sintaticamente orações, mas, principalmente, dar uma orientação argumentativa ao enunciado.

Pezzati (2001) aponta para o fato de que este elemento está sofrendo um processo de gramaticalização, ou seja, está em processo de migração de advérbio para conjunção, por isso, se apresenta ora desempenhando a função típica de uma classe ora a de outra.

A autora (2001, p. 83) em seu artigo intitulado: O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? Enfatiza que as conjunções exibem um sincretismo mais sutil que resulta da confusão entre o *dictum* e o *modus*, ou seja, resulta de confundir uma relação de objetividade entre os fatos existentes no mundo, com uma relação entre momentos argumentativos.

Dessa maneira, o conectivo pode desempenhar um valor denotativo definido sobre uma realidade externa à linguagem, como pode também desenvolver valor argumentativo, evidenciando uma consequência factual e ainda, uma conclusão do falante. A autora supracitada salienta que uma mesma conjunção pode atuar na interface da formulação do conteúdo (nível do *dictum*) ou para denotar o processamento textual (nível do *modus*).

Pezatti destaca em seu estudo o caráter multifuncional das conjunções, fazendo alusão a Sweetser (1991) que sinaliza que essa multifuncionalidade das conjunções se dá em função do seu uso nos domínios: referencial, epistêmico e ilocucional. Ela questiona a própria noção de conjunção, quando se trata de nexos conclusivos, se essa relação se estabelece mediante o uso dos advérbios ou de verdadeiras conjunções?

Para atestar a trajetória de gramaticalização do cline unidirecional do então advérbio > conjunção, a autora apresenta quatro parâmetros:

- i) Não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia; ii) Não pode ser precedido de outra conjunção, como a aditiva; iii) Pode coordenar termos, como as demais conjunções coordenativas; iv) Não aceita focalizadores como advérbios de inclusão/ exclusão, hedges e clivagens.

Os parâmetros acima compõem os traços prototípicos da conjunção *logo*, o estudo de Pezatti constatou que o item *então* se encontra em estágio mediano de gramaticalização, por não se enquadrar em todas essas propriedades semânticas prototípicas.

O quadro abaixo ilustra isso:

**Quadro 02** – Matriz de traços prototípicos de *então* e *logo*

| Matriz de traços de então e logo |         |          |                 |             |
|----------------------------------|---------|----------|-----------------|-------------|
| Conector                         | Posição | Coordena | Perde o sentido | Admite      |
|                                  | fixa    | termos   | anafórico       | Focalização |
| Logo                             | +       | +        | +               | -           |
| Então                            | -       | -        | -               | -           |

Fonte: Pezatti (2001, p. 93)

Conforme ilustra o quadro, o item *então* ainda não logrou completar o seu processo de gramaticalização de advérbio > conjunção, pois mantém traços prototípicos persistentes da categoria fonte advérbio.

Pezatti (2001, p. 93) traçou uma escala entre as duas etapas do processo, que demarca a migração de advérbio a conjunção, alocando o *logo* num pólo, como a mais típica e

canônica das conjunções conclusivas, ficando o *então* na faixa média do processo de transição, conforme o *continuum* seguinte:

Advérbio ----- Conjunção

*Por isso > então > portanto > logo*

A autora constata que o item *logo* na função de operador discursivo (termo utilizado pela autora), já deixou o estatuto de advérbio e se gramaticalizou como conjunção, pois exerce a função de relacionar, mediante um valor conclusivo, duas preposições constituintes de um argumento.

Em contrapartida o *então*, não dispõe ainda da capacidade de coordenar termos, caminha para gramaticalizar-se como conjunção, porque mesmo atuando como operador discursivo, ainda mantém traços prototípicos temporais.

Por fim, Pezatti postula que a forma *então* pode estabelecer nexos conclusivos, com a mesma distribuição semântica de *logo* nas estruturas sentenciais. Os resultados da pesquisa da autora apontam para o fato de que somente esse valor conclusivo do *então* não autoriza afirmar que esteja concluído o seu processo de gramaticalização como conjunção.

A autora frisa que o item atua como elemento coesivo, como também na junção de estados de coisa quanto na de estados de coisa e atos de fala, no mundo do *dictus* e do *modus*, ou seja, atua tanto na esfera textual (argumentatividade), como na discursiva.

Quanto às conjunções, especificamente as conclusivas, o fenômeno que pode estar ocorrendo é um subtipo de gramaticalização que Hopper & Traugott (1993) definem como recategorização sintática, processo pelo qual um item lexical muda as propriedades gramaticais que o incluem numa determinada categoria para integrar-se a outra, conforme a sequência do *cline*: CATEGORIA GRAMATICAL MAIOR (Nome, verbo, pronome) > CATEGORIA GRAMATICAL MEDIANA (adjetivo, advérbio) > CATEGORIA GRAMATICAL MENOR (preposição, conjunção).

No quadro resumitivo seguinte, demarcaremos a posição adotada por autores supracitados, em relação às novas funções do *então*:

**Quadro 03**–Quadro resumitivo das novas funções do *então* na visão de autores

| <b>Autores</b>           | <b>Funções do <i>Então</i></b>                                                 |
|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Martelotta (1994)</b> | Operador argumentativo                                                         |
| <b>Neves (2000)</b>      | Juntor                                                                         |
| <b>Pezatti (2001)</b>    | Conector/juntor                                                                |
| <b>Bechara (2009)</b>    | Operador argumentativo (marcador das relações interoracionais e intertextuais) |

De acordo com o quadro acima, na acepção dos linguistas, o *então* é visto como um marcador de relações interoracionais ou intertextuais, como operador argumentativo e juntor. Todas as categorizações comungam a ideia de que o item atua na arquitetura e na articulação textual, juntando, encadeando e sequenciando as porções textuais.

Na próxima seção, abordaremos o *cline* unidirecional que o *então* vem experimentando: espaço > tempo > texto > discurso, ou seja, o item está atuando na arquitetura textual e migra para o Discurso, desempenhando a função de marcador discursivo, seguindo o seguinte *cline*: operador argumentativo > marcador discursivo

## **2.2 O conector *então*: Da arquitetura textual para os liames do Discurso**

Na seção anterior, abordamos a natureza textual das conjunções, e vimos que o item *então* está experimentando o *cline* unidirecional advérbio > conjunção; embora não tenha logrado seu completo processo de gramaticalização, desempenha função no nexos conclusivo, atuando tanto na formulação do conteúdo (nível do *dictum*), como no processamento textual (nível do *modus*).

Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) propuseram uma trajetória de mudança semântica que um elemento linguístico tenderia a sofrer até atingir o *status* de conectivo: espaço > tempo > texto.

É a metáfora espaço > discurso, acrescida do componente texto, que ocorre em função da extensão analógica do uso espacial do termo para valores temporais e textuais. Nessa metáfora eclode a abstratização de sentidos e a perda de estruturação fonética, extensão de sentidos subjetivados através da inferência sugerida dos falantes.

O item *então* está desbotando-se semanticamente, perdendo traços prototípicos espaciais e ganhando traços textuais, traços mais voltados para a articulação textual e para a argumentatividade, desempenhando como operadores argumentativos as seguintes subfunções: sequenciador, retomador (anafórico) e resumitivo.

O termo operador argumentativo foi cunhado por Ducrot (1987) para designar certos elementos da gramática de uma língua que tem por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para onde apontam.

De acordo com Du Bois (1993), os operadores argumentativos são elementos mais voltados para a organização textual.

Martelotta (1995, p. 18) pontua que:

Os usos dos operadores argumentativos apresentam maior regularidade, na medida em que seu ponto de partida, na grande maioria dos casos, se identifica com advérbios, que vão passando sucessivamente a apresentar novas funções de caráter gramatical. Essas novas funções gramaticais tendem a identificar partes do discurso já mencionadas (anafóricos) ou por mencionar (catafóricos) ou a ligar partes do discurso, atribuindo-lhes uma relação argumentativa (conjunções). Podem indicar estratégias interativas, mas nesses casos, apresentam menor grau de pragmaticidade, na medida em que sua tendência básica é voltar-se para a organização do texto.

Portanto, os operadores argumentativos atuam como articuladores textuais, eles são elementos da coesão textual, exercendo o papel de organizadores do texto. É o caso do nosso objeto de estudo, o item *então*, que no domínio funcional textual atua como operador argumentativo, exercendo as subfunções de sequenciador, retomador e resumitivo.

Marcuschi (1995) salienta que os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estrutura, da sequência do texto. O processo de sequenciação textual evidencia que o texto é construído similar a metáfora do fio de um tecido, que se constitui numa relação de tessitura, o tecido vai se materializando tacitamente através da união simbiótica desse encontro de fios, que formarão por sua vez, o todo, o tecido.

Antunes (2005, p. 47) assevera que é preciso

Reconhecer que o texto está coeso e reconhecer que suas partes como disse, das palavras aos parágrafos, não estão soltos, fragmentados, mas estão ligados, unidos entre si. Daí que a função da coesão é exatamente a de promover a continuidade do texto, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade.

Sendo assim, o texto é um mosaico, em que as peças vão estabelecendo entre si uma relação de interdependência semântica, isto é, aonde os elementos da microestrutura e da macroestrutura, numa relação de continuidade, vão enovelando e plasmando o texto em sua substancialidade.

Antunes (a. p. 50) frisa que é importante ressaltar que a continuidade que se instaura pela coesão é, fundamentalmente, uma continuidade de sentido, uma continuidade semântica, que se expressa, no geral, pelas relações de reiteração, associação e conexão.

Halliday e Hasan (1976) aventam que a noção de conjunção (ou junção) é processo textual (coesivo) pela qual se especifica a conexão que existe entre o que vem depois e o que vem antes em um enunciado, favorecendo a progressão textual, indicando o encadeamento, a organização e o amarramento temporal entre as porções textuais.

O *então* organizador textual atuará na conectividade sequencial. Mira Mateus (1983, p. 186) define conectividade como uma propriedade relacional, segundo ela existe conectividade entre uma ocorrência textual A e uma ocorrência textual B se a interpretação de A e B forem semanticamente interdependentes.

A conectividade sequencial temporal demarca que há entre os enunciados uma interdependência semântica, indica que os momentos são sucessivos na superfície textual, ocorre na verdade uma sequência linear.

Para Mira Mateus (1983) uma sequência textual só é coesa e coerente se a sequencialização dos enunciados satisfizer as condições conceptuais sobre localização temporal e ordenação relativa, que sabemos serem as características dos estados de coisas no mundo selecionado pela referida sequência textual.

Antunes (2005) entende por conexão o recurso coesivo que se opera pelo uso dos conectores, o qual desempenha a função de promover a sequencialização de diferentes porções do texto.

Segundo a autora a conexão se efetua por meio de conjunções, preposições e locuções conjuntivas e preposicionais, bem como por meio de alguns advérbios e locuções adverbiais.

Dessa maneira podemos constatar que as conjunções atuam como elementos juntivos, são mecanismos de estruturação textual e conectividade sequencial, visto que, asseguram ou tornam recuperável uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

Na concepção de Martin e Rose (2007), as conjunções são classificadas de acordo com aquelas que relacionam atividades e aquelas que organizam o texto, as conjunções internas

estabelecem relações dentro do próprio texto e as conjunções externas, segundo os autores, são aquelas que relacionam atividades, uma vez que constroem um campo para além do texto.

O *então* se enquadra na categoria de conjunção interna, exercendo a função de sequenciador temporal na cadeia e coesão interna do texto, vejamos o quadro abaixo:

**Quadro 04** –Opções básicas de conjunções internas

| <b>Adição</b>       | <b>Adição<br/>Alternância</b>  | <b>E, além disso, em adição<br/>Ou, se não, então,<br/>alternativamente</b>                              |
|---------------------|--------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Comparação</b>   | Igualdade<br>Adversidade       | Como, como se, similarmente<br>Mas, ao passo que, por outro lado                                         |
| <b>Tempo</b>        | Sucessão<br><br>Simultaneidade | Então, depois, subsequentemente,<br>antes, previamente<br><br>Enquanto, enquanto isso, ao<br>mesmo tempo |
| <b>Consequência</b> | Causa                          | Assim, porque, desde que, logo                                                                           |
|                     | Meio                           | Por, assim, por meio                                                                                     |
|                     | Finalidade                     | Para, a fim de, por meio de                                                                              |
|                     | Condição                       | Se, de que, a menos que                                                                                  |

**Fonte:** (traduzido/adaptado de MARTIN; ROSE, 2007 [2003], p. 122).

O quadro acima ilustra que o item *então* enquadra-se no rol das conjunções que denotam tempo, sucessão temporal, atuando na sequencialização temporal, demarcando a conexão e a ordem sucessiva dos fatos.

Como vimos o item *então* no domínio funcional textual está experimentando o *cline* unidirecional advérbio > conjunção > operador argumentativo >juntor> conector > sequenciador. E, no domínio discursivo, segue o *cline*: advérbio > conjunção > operador argumentativo > marcador discursivo.

Martelotta (2004) salienta que, embora muitos linguistas considerem que o operador argumentativo e marcadores discursivos possuem a mesma natureza, e que podem ser tratados como sinônimos, eles apresentam naturezas e propriedades semânticas diferentes. O autor pontua que o operador argumentativo atua mais precisamente na organização interna do texto, com um menor teor de pragmaticidade, assumindo posições mais fixas. Já os marcadores discursivos assumem tendências um pouco mais livres, apresentando um leque maior de colocação, eles tendem a desempenhar funções mais voltadas à adaptação do discurso ao

contexto de produção, sendo exclusivos da fala, por isso, denotam um grau mais elevado de pragmaticidade.

Martelotta (2004) aventa que é o processo de discursivização que leva o item a adquirir a função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher os vazios ou interrupções causados por essa perda de linearidade.

Traugott (1995) adota a concepção de marcadores dada por Schifffrin (1987) que afirma que marcadores discursivos são elementos que atuam no nível da coerência discursiva.

Os marcadores discursivos derivam do processo de gramaticalização devido às mudanças semânticas oriundas do processo, pois há uma perda de significado primário, considerando que nesse processo o significado lexical de um elemento linguístico gradualmente se desvanece para assumir outras funções. Segundo Hansen (1998), uma tendência geral de mudanças lexicais é ocorrerem a partir do significado proposicional, passando pelo textual, em direção ao discursivo.

Os marcadores discursivos são estratégias discursivas usadas pelos falantes, operando no monitoramento, controle e gerenciamento do turno conversacional, contribuindo para a articulação das porções textuais do discurso e assegurando a sustentação da interação.

Quanto ao desenvolvimento dos marcadores discursivos, Martelotta (2004 p, 85) ressalta que a regularidade não é tão sensível. É difícil caracterizar-lhes a função, e, sobretudo, incluí-la em uma trajetória linear de mudança. O autor destaca três motivos:

- a) Os marcadores discursivos apresentam funções relacionadas, por um lado, a estratégias voltadas para a viabilização do processamento da fala no contexto de improviso, que caracteriza essa modalidade de comunicação e, por outro lado, à indicação dessas estratégias para o ouvinte. Suas funções, portanto tem caráter pragmático-discursivo, sendo mais subjetivas e mais difíceis de caracterizarem estruturalmente. Neste sentido propomos que, com o processo de mudança, o elemento linguístico tende, progressivamente, a assumir a macrofunção de viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte. Essa macrofunção, na prática, se manifesta a partir de um conjunto de subfunções: marcar reformulações na fala, marcar topicalizações, indicar discurso de fundo, modalizar a fala e preencher vazios causados pela perda do fluxo de informações;
- b) Suas subfunções parecem se sobrepor e mesmo se confundir entre si, de modo que uma mesma ocorrência de um marcador pode desempenhar mais de uma das subfunções que lhes são peculiares. Isso é uma consequência do fato de que as subfunções dos marcadores são, na realidade, manifestações de uma mesma macrofunção discursiva, ligada à viabilização da comunicação, em níveis linguísticos diferentes;
- c) Muitas vezes, parece ocorrer muita influência entre os usos, de tal modo que mais de um uso pode causar a existência de outro. Em outras palavras,

pode haver pressões metonímicas e analógicas, provenientes de várias direções, estimulando a mudança. Isso dificulta, sobretudo, a indicação de trajetórias de mudanças lineares.

Sob esse ângulo, o autor supracitado denota a natureza heterogênea e multifuncional dos marcadores discursivos, voltados, sobretudo, para a viabilização do processo comunicativo da fala. Este, por sua vez, demarca improvisto, que materializa a inferência sugerida dos falantes, uma vez que suas funções são ontologicamente pragmáticas e discursivas. Também, por serem subjetivas, tais funções apresentam maior complexidade para se caracterizarem estruturalmente.

O autor destaca que na verdade, os marcadores assumem a macrofunção de viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte e que, essa macrofunção implica num conjunto de subfunções que coadunam-se entre si, e que pode funcionar de maneira simultânea no desenvolvimento do turno conversacional, defendendo que essas subfunções interpenetram-se na trama discursiva.

Os MDs também podem ser chamados de marcadores conversacionais, servindo de elo entre as unidades comunicativas, ilustrando o monitoramento da fala, são vazios de sentido, mas relevantes para a manutenção do turno conversacional. Quanto a eles, Urbano (1997, p. 85-86) salienta que:

São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivas informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, e a produção, representam de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também, enquanto estrutura de interação interpessoal. Por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados marcadores conversacionais.

Dessa forma, os marcadores conversacionais, doravante MCs são articuladores discursivos, elementos organizadores do discurso, funcionam como preenchedores de vazios intencionais por parte dos falantes, preenchedores de pausas, enquanto o falante organiza e planeja as informações a serem processadas no conteúdo do tópico discursivo, enfim, são elementos que sustentam e atuam na manutenção do turno conversacional, elementos apoiadores do discurso.

Os requisitos de apoio discursivo são caracterizados por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, nos planos:

- 1) Interpessoal, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (MACEDO; SILVA, 1996);
- 2) Interpessoal e textual, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GORSKI et al., 2003);
- 3) Rítmico, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

Na língua falada, a negociação comunicativa é estabelecida pelos falantes, de forma *online*, por isso, nesta modalidade o uso desses marcadores pragmáticos são tão recorrentes, tendo em vista que os interlocutores, para assegurarem a manutenção e o controle do fluxo do turno conversacional, fazem uso de tais marcadores como estratégia discursiva na organização do relevo informativo.

No que tange à função, existem duas classes: (i) os pragmáticos (considerados como interpessoais para Castilho (1989), orientados para a interação verbal, e os marcadores textuais (ou ideacionais, segundo a nomenclatura de Castilho (1989), voltados para a organização do texto.

Como afere Castilho (1989, p. 292) “os MCs operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois multifuncionais”.

Castilho (1998) destaca a multifuncionalidade dos marcadores conversacionais, pontuando que estes são elementos que se prestam à demarcação do diálogo, exercem funções interacionais e textuais, estabelecendo a ligação entre as unidades comunicativas. Desse modo, indicam a força ilocutória através da marcação de pausas, preenchimento de vazios, abertura e fechamento de turnos, revelando, portanto, as condições de produção do texto.

Os marcadores conversacionais, doravante MCs são relevantes para o processamento do assunto do tópico discursivo, por serem multifuncionais são escorregadios, heterogêneos, podem exercer várias funções simultaneamente.

No domínio discursivo, veremos na seção concernente a análise de dados, que o item *então* desempenhará várias funções dentro de um mesmo domínio funcional.

### **2.3 Então... O que já vem sendo feito? Revisitando o Estado da Arte**

Mediante levantamento bibliográfico, constatamos que há um contingente expressivo de trabalhos voltados à descrição do funcionamento do item *então*. Na sequência, resenharemos estes estudos, na tentativa de travar um diálogo entre o que já foi realizado, em termos de descrição e análise, e o que podemos produzir.

A dissertação de mestrado de Tavares (1999) com o título: Um estudo variacionista de *Aí, Daí, Então* e *E* como conectores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis, trata da função denominada pela autora de “sequenciação retroativo-propulsora”, responsável pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, servindo o primeiro de base para o que será dito no segundo.

Tavares considera a função de sequenciação retroativo-propulsora como uma das etapas do processo de gramaticalização de *aí, daí, então* e *e*, processo que os tem feito migrar de empregos adverbiais para empregos mais gramaticais.

A autora propõe a união teórica do Funcionalismo Linguístico e da Teoria Variacionista. Para a efetivação da pesquisa ela utiliza dados extraídos do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), contemplando 36 entrevistas de 36 informantes nativos de Florianópolis, estratificados de acordo com as variáveis: sexo, idade e escolaridade.

Os resultados apontam, através da análise quantitativa, possibilidades de especialização dos itens, fornecendo também indícios acerca do processo de gramaticalização das formas investigadas, eclodindo daí a hipótese de mudança em curso.

Para Tavares, tais itens desempenham diversas funções semântico-discursivas, como apontamento dêitico, apontamento anafórico, modificação e intensificação de itens linguísticos, manutenção de turnos conversacionais, conexão entre orações ou partes maiores do texto, uso em que denotam relações de sequenciação, adição e adversão entre informações.

Ela atesta que é possível também que esses itens estejam sofrendo um processo de discursivização, que se segue ao de gramaticalização, levando-os a desbotarem-se semanticamente do ponto de vista gramatical rumo a um nível mais interacional. Explicita as funções desempenhadas por *Aí, Daí, Então* e *E* na fala de Florianópolis e as distribui da seguinte maneira: Dêiticos/anafóricos: dêitico locativo, anafórico locativo e anafórico discursivo; modificadores: modificador de SN e intensificador; conectores: sequenciador retroativo-propulsor: temporal, introdutor de efeito, alternativo, finalizador, inferidor, textual e retomador, outros usos: preenchedor de pausa, fático, interjectivo e expressões diversas.

Apesar de a autora demarcar a multifuncionalidade dos itens nos dados extraídos, ela delimita os usos como conectores sequenciadores retroativo-propulsores como fenômeno de investigação e aprofundamento da pesquisa.

Tavares elucida que *aí*, *daí*, *então* e *e* sequenciadores interligam orações e porções maiores do discurso, possuindo funções comuns nesses extratos, dividindo, assim, seus empregos em três níveis de articulação distintos de acordo com a natureza da unidade que o conector possui como escopo: oracional, textual e interacional.

Tavares conclui que os itens supracitados estão se gramaticalizando como sequenciadores retroativo-propulsores, a partir do que, segundo ela, aventa-se uma mudança em andamento, no sentido de as formas mais recentes no desempenho da sequenciação retroativo-propulsora gradualmente virem a substituir as formas mais antigas.

A tese de doutorado de Tavares (2003), com o título: *A gramaticalização de E, Daí e Então: Estratificação/ Variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo Sociofuncionalista*, defende que os conectores *E*, *Aí*, *Daí* e *Então* chegaram à sequenciação através do processo de gramaticalização. Ela frisa que tais conectores convivem e competem entre si. A partir daí, emergem camadas/variantes e estes estão arrolados na função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora.

Essa batalha travada por um lugar ao sol no domínio da sequenciação é ancorada por duas teorias linguísticas: o funcionalismo, no que diz respeito à gramaticalização, e à Sociolinguística Variacionista. A autora propõe o casamento teórico entre essas duas abordagens.

Na substancialidade da tese, Tavares define que a sequenciação retroativo-propulsora é um domínio funcional responsável por marcar a introdução de informações no discurso. Estabelece uma relação coesiva de sequenciação entre enunciados, de modo que o primeiro serve de base para o que será dito posteriormente no segundo.

A sequenciação realiza um movimento duplo: anafórico e catafórico, ou seja, impulsiona o discurso para frente e para trás, pois ao mesmo tempo em que se volta para o enunciado passado como uma fonte de informações para o discurso subsequente direciona a atenção para um enunciado que está por vir, o qual tem por escopo.

Segundo a autora, os itens *E*, *Aí*, *Daí* e *Então* se comportam funcionalmente como formas variantes e concorrentes no âmbito da sequenciação retroativo-propulsora. São formas co-ocorrentes e concorrem entre si em diferentes matizes discursivo-pragmáticos.

Conforme frisa Tavares, o domínio da sequenciação retroativo-propulsora configura-se num escopo funcional gradiente, podendo ser visto como um elo de um fenômeno

considerado superordenado, que segue esse *cline* unidirecional: conjunção geral > sequenciação retroativo-propulsora > subfunções de sequenciação > possíveis subtipos de subfunções.

Destacamos, também, a tese de doutorado de Rodrigues (2009), intitulada: Padrões de uso e gramaticalização de *Agora* e *Então*. A tese tem o objetivo de analisar interpretativamente por meio da perspectiva funcional, os padrões de uso e a trajetória de gramaticalização tempo > texto dos itens *agora* e *então*, em diferentes sincronias, na configuração de sua dimensão pancrônica.

Rodrigues (2009) defende que ocorre, nesse processo, a unidirecionalidade diacrônica na gramaticalização desses itens.

O *corpus* utilizado na tese é formado por romances e peças de teatro de quatro sincronias distintas: sincronia latina (do latim ao século XIII); sincronia arcaica (do século XIII ao XV); sincronia clássica (do século XV ao XVIII) e sincronia moderna (do século XIX ao XXI).

De acordo com a autora, os itens e estruturas analisados são vistos como elementos que passam por transformações de sentido e de forma durante o período de tempo em que são utilizados, por interferência de fatores de ordem interacional, de frequência de uso, além de pressões de natureza cognitiva, apresentando, assim, diferentes funções no âmbito discursivo-pragmático.

Rodrigues frisa, conforme aponta a gramática tradicional, que os itens supracitados vinculam-se à categoria de advérbio de tempo e constituem, nesta classe, protótipos categoriais formados pelos traços [+ referência temporal], [+ mobilidade] e [+ escopo verbal]. Ela denota que ao longo da trajetória de gramaticalização dos itens ocorre uma migração categorial, na qual os termos adquirem os traços [+ fixidez] e [+ escopo clausal]. Vale ressaltar, que este último traço possui as variantes [+ conexão] e [+ marcação discursiva].

Rodrigues destaca que essas possibilidades funcionais de *agora* e *então* se apresentam desde o latim até o século XX de forma pancrônica. No que tange à análise os dados, a autora oferece um panorama de usos prototípicos e principalmente não prototípicos dos itens, analisados nas quatro sincronias, a saber: a latina, arcaica, clássica e moderna. Como também compara quais dados foram mais recorrentes ou não quanto às sincronias trabalhadas, quanto ao gênero textual e quanto às sequências tipológicas, elucidando o *continuum* unidirecional da gramaticalização tempo > texto de *agora* e *então*.

Os dados da pesquisa apontam que não houve discrepância entre os usos [+ prototípicos] e [- prototípicos] dos itens. Apesar da relevância desta pesquisa para os estudos

linguísticos, a abordagem controla elementos discursivos quanto às funções dos itens, todavia limita-se ao controle dos gêneros e tipos textuais. Vale salientar também que os *corpora* não dão margens para a análise de outros fatores interacionais e extralinguísticos, deixando lacunas para se questionar outros fatores em relação à motivação do comportamento funcional dos itens em estudo.

Continuando esse panorama, trazemos à baila a dissertação de mestrado de Arena (2008) sob o título: Multifuncionalidade e polissemia do *Então*: um estudo pancrônico, apresentado na Universidade Federal Fluminense. A pesquisa teve como objetivo primeiro demonstrar a estabilidade no processo de gramaticalização do *então*, já que o caráter multifuncional do item remonta aos textos escritos do português arcaico, objetivando também demonstrar que as diversas sequências tipológicas - narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa ou injuntiva - exercem a pressão de informatividade sobre o *então*, motivando assim, seus múltiplos valores e funções.

Quanto às motivações para o emprego do *então* nas diferentes sequências tipológicas, a autora verificou duas polaridades: de um lado, respondendo pela maior saliência das ocorrências: o *então* advérbio e sequenciador foi empregado na sequência narrativa, ao passo que na sequência argumentativa, predominam os usos do item nas funções: conector lógico e operador argumentativo, demarcando, assim, um número menor de ocorrências.

Arena constatou que há fortes intercâmbios de valores entre as formas derivadas, sendo, na grande maioria das vezes, praticamente impossível, segundo a autora, reconhecer um só valor sintático-semântico para o *então*, mesmo quando se trata da forma (função) canônica, por isso, ela criou para definir esse caráter híbrido do item, a categoria *casos imbricados*. A autora expõe que em seu processo de gramaticalização o item está percorrendo o seguinte *continuum*: advérbio > sequenciador > conector lógico > operador argumentativo. A autora fornece profícuas contribuições para o estudo do item, porém abre lacunas sobre o comportamento funcional do *então* na modalidade falada e na perspectiva sincrônica.

Produzida em 2011, frisamos a dissertação de mestrado de Chiarelli: A gramaticalização do *Então* no Português Paulista: Um estudo pancrônico. O objetivo da pesquisa é investigar, a partir da perspectiva pancrônica, a multifuncionalidade sintático-semântica do item em textos das formas de enunciação falada e escrita, como um fenômeno de mudança linguística por gramaticalização.

A autora, a partir de propostas funcionalistas sobre a junção, baseada em Raible (2001) e Halliday (1985), descreve os usos juntivos do *então*, focalizando traços sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos. Chiarelli salienta que a junção é entendida como um

processo que se caracteriza pelo cruzamento de diferentes parâmetros, entre eles, o da hierarquia sintática e relações semânticas. Dessa forma, um *juntor* é um item que liga sintaticamente orações ou porções textuais maiores e exprime alguma relação de sentido.

Nos dados da escrita, verificou-se que o padrão conclusivo é muito significativo nos textos argumentativos, visto que, nestes textos, os autores opinam sobre algum assunto e o *então* é normalmente utilizado para dar uma orientação argumentativa de conclusão ao texto. O uso sequenciador foi absoluto em contextos narrativos.

É perceptível que, nos dados da fala, o *então* conclusivo ocorre com maior saliência. Segundo a autora, o item ocorre com mais frequência porque nessa função conclusiva estão incluídas diversas relações, que a depender do contexto, apresentam determinadas especificidades.

A contribuição da dissertação de Chiarelli sobre o processo de gramaticalização de *então* diz respeito à proposta de duas escalas possíveis: não junção > junção ou junção > não junção, porém a autora não conseguiu comprovar diacronicamente a segunda escala. Chiarelli notoriamente trouxe novas contribuições sobre a mudança tempo > conclusão experimentada pelo *então*, destacando a relevância dos contextos linguísticos que levaram a essa mudança de sentido.

A tese de Doutorado de Vieira (2016), sob o título: *Aí, Daí e Então em Campo Grande e São Paulo: Análise sociofuncionalista no domínio da causalidade*. O objetivo da tese é investigar o uso variável dos itens *aí*, *daí* e *então* como sequenciadores discursivos em contextos de causalidade no domínio referencial.

A tese é fundamentada na interface entre a sociolinguística variacionista e as teorias de gramaticalização que emolduram a abordagem funcionalista. A autora busca responder às seguintes questões de pesquisa: Estariam algumas das formas se especializando nesses contextos? E a que fatores linguísticos e sociais se correlacionam os empregos dessas formas?

Vieira, a partir do percurso histórico dos itens *Aí*, *Daí* e *Então* (desde os seus empregos prototípicos como dêiticos espaço-temporais até aqueles em que operam como sequenciadores discursivos), verifica a sua intercambialidade nos contextos do domínio referencial da causalidade. A autora assevera que a intercambialidade dessas formas nos contextos causais se dá em virtude de propriedades que estão além do valor de verdade da sequência discursiva em que ocorrem.

No universo dos artigos que retratam em sua abordagem esse fulcro temático, enfatizamos o Capítulo de Martelotta no livro: *A gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional* (1996), sob o título: Gramaticalização de *então*. Neste artigo,

Martelotta leva em consideração, *a priori*, que os diferentes usos do elemento analisado possuem uma origem espacial/temporal e se explicam por um processo de gramaticalização espaço >(tempo) > texto. A partir desse processo, o elemento tende a desempenhar funções pragmático-discursivas, ganhando novas posições mais fixas dentro da cláusula.

Martelotta, em estudos datados de 1994, tem revelado que os usos do operador argumentativo *então* só podem ser entendidos de forma satisfatória à luz da teoria de base discursivo-pragmática, asseverando que a sua função não é relacionar sintaticamente as orações, mas, principalmente, dar uma orientação argumentativa ao enunciado.

O autor utiliza o *corpus* do Projeto Integrado D&G e, a partir da amostra de dados, foram criadas essas categorias de análise conforme o comportamento funcional do item nos diferentes contextos: anafórico, sequencial, conclusivo, alternativo, intensificador, resumitivo e introdutor de informações livres.

Neste trabalho, não propomos uma classificação para o item como alternativo, mas sim explanamos as características dos contextos, elucidando que o item está invadindo outros contextos além do conclusivo. No que diz respeito à categoria *então* resumitivo, ela pode ser condensada à função conclusiva, visto que, o item, nessa função, mantém traços prototípicos de sua função-fonte conjunção conclusiva, resumindo o conteúdo do tópico discursivo, apontando para a finalização, conclusão do turno conversacional.

No quadro resumitivo a seguir, apresentamos o enquadramento das funções do *então* na visão dos pesquisadores acima supracitados, na revisão do Estado da Arte:

**Quadro 05** – Quadro resumitivo das funções do *Então* conforme a visão dos pesquisadores

| Pesquisadores            | Funções do <i>Então</i>                                                                                                    |
|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Martelotta (1996)</b> | Operador argumentativo:<br><br>Anafórico;<br><br>Sequencial;<br><br>Conclusivo;<br><br>Alternativo;<br><br>Intensificador, |

|                               |                                                                                                                                                 |
|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                               | Resumitivo;<br>Introdutor de informações livres                                                                                                 |
| <b>Tavares (1999); (2003)</b> | Sequenciador-retroativo-propulsor                                                                                                               |
| <b>Arena (2008)</b>           | Conector lógico e operador argumentativo                                                                                                        |
| <b>Rodrigues (2009)</b>       | Tempo: Presente, passado e futuro;<br>Conexão: Conclusivo, sequenciador e opositor;<br>Marcação discursiva: Introdutor, enfatizador e retomador |
| <b>Chiarelli (2011)</b>       | Juntor                                                                                                                                          |
| <b>Vieira (2016)</b>          | Sequenciador discursivo em contextos de causalidade no domínio referencial                                                                      |

Após a apresentação panorâmica dos trabalhos resenhados, aventa-se a possibilidade de ampliar a análise no que diz respeito ao objeto de estudo, já que a natureza vertical dos estudos realizados não dá conta de todas as facetas do comportamento funcional do item, especialmente, porque nem todos os contextos são contemplados nos *corpora* investigados, em detrimento dos limites demarcatórios da natureza da pesquisa científica e no que concerne a multiplicidade dos contextos de uso.

No capítulo posterior, concernente à análise e discussão dos dados, mapearemos multifunções do *então* nos contextos de uso, considerando os domínios funcionais: semântico, textual e discursivo, a partir dos critérios semântico-textual e discursivo- pragmático.

## CAPÍTULO 3

### 3 NO MEIO DO CONTEXTO TEM UM *ENTÃO*, TEM UM *ENTÃO* NO MEIO DO CONTEXTO... ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O título do capítulo parafraseia fragmentos do poema “No meio do caminho” do poeta Carlos Drummond de Andrade, escrito em fins de 1924, metaforizando a centralidade do contexto, tão caro à abordagem teórica funcionalista, na qual valoriza-se o contexto de uso como fator discursivo-pragmático motivador dos fenômenos de variação e mudança experimentados pelos componente linguísticos.

Mas o que seria, então, o contexto? Em sentido amplo, o contexto ainda é tratado como entidade vaga, a dificuldade de defini-lo é uma árdua tarefa para os funcionalistas, por não se obter uma concretude conceitual em torno dessa definição.

Oliveira (2015, p. 22-23) assevera que, de acordo com a Linguística Funcional Centrada no Uso, os usos linguísticos são resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas. Portanto, investigar a língua sob essa perspectiva significa levar em conta, marcas das três instâncias referidas, sob o rótulo maior de “contexto”. É este o conceito de contexto que adotaremos aqui.

Nesta etapa do trabalho, procedemos a uma análise dos diversos usos do *então*, em que verificamos sua multifuncionalidade, a partir do *Corpus* LSP.

Para proceder à análise, segmentamos os dados em dois domínios: o **textual** e o **discursivo**. O termo *domínio funcional* foi postulado por Givón (1984), e costuma ser evocado frequentemente em estudos funcionalistas da língua. Aqui, entendemos domínio como o escopo de atuação de uma dada função desempenhada por uma dada forma linguística em uma dada língua.

Nessa perspectiva, defendemos a existência de um componente mais geral, considerando que o uso das estruturas linguísticas está a serviço de um determinado conteúdo. Isso significa que sobre toda atividade linguística paira o valor semântico e ele perpassa todos os outros domínios funcionais, já que é emoldurado pelo plano do sentido, da significação e da categorização conceptual.

A análise, ao especificar os domínios em textual e discursivo, leva em conta as formulações nas quais o valor funcional realça a contextualização da produção e circulação do texto. Assim, ressalta-se o sentido dos termos e o propósito comunicativo do usuário parece

predominar sobre as demais subfunções. Ou seja, é uma questão de saliência e não de exclusividade.

Para tornar mais claras as informações gerais sobre as ocorrências do *então*, na amostra de dados da fala do *Corpus* LSP, observemos a tabela com a quantificação das ocorrências do item, considerando os domínios funcionais já referidos.

**Tabela 01** –Distribuição do *Então* nos domínios funcionais

| Domínios funcionais | Ocorrências do <i>então</i> |
|---------------------|-----------------------------|
| Textual             | 169                         |
| Discursivo          | 70                          |
| Total               | <b>239</b>                  |

**Fonte:** Dados da pesquisa

Na coleta de dados, registramos 229 ocorrências do *então*, observando seu comportamento funcional, a partir dos dois domínios referidos. Vale ressaltar a relação de interdependência existente entre esses componentes, pois a predominância de um valor funcional em determinado contexto, não exclui, nem elimina sua atuação em outro, portanto, não há entre eles uma relação hierárquica.

Na sequência, procederemos à análise, especificando as nuances de comportamento funcional do *então* em cada domínio.

### 3.1 O domínio textual

No domínio que designamos de textual, os elementos linguísticos atuam na textualidade, conectando informações, mas podem ativar relações semânticas que direcionam a interpretação. Assim, na conexão de orações, por exemplo, os termos comporiam a sequencialidade do fluxo informacional, ao mesmo tempo em que ativariam relações de sentido.

No domínio textual, destacam-se, a nosso ver, as seguintes funções do *então* no *corpus*: sequenciador retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo.

A função sequenciadora do item é bem recorrente, o que revela a preponderância do papel progressivo de coesão e o impulsionamento que ele traz para a fluidez textual.

No domínio em tela, registramos 169 ocorrências do *então*, desempenhando as funções de sequenciador retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo, conforme ilustra a tabela com a distribuição de frequência por funções do item abaixo:

**Tabela 02** –Distribuição de ocorrências do *então* no Domínio Textual

| Funções                           | Ocorrências | %          |
|-----------------------------------|-------------|------------|
| Sequenciador retroativo-propulsor | 117         | 69         |
| Retomador                         | 20          | 12         |
| Conclusivo                        | 20          | 12         |
| Resumitivo                        | 12          | 07         |
| <b>Total</b>                      | <b>169</b>  | <b>100</b> |

**Fonte:**Dados da pesquisa

Na amostra de dados, foram registradas 117 ocorrências do *então* na função retroativa-propulsora, o que pode ser entendido como revelador de uma vitalidade maior do item nessa função, considerando que ele é bem mais frequente que nas outras funções com quem rivaliza nesse domínio, ou seja, as de retomador, conclusivo e resumitivo.

Sabemos que os conectores sequenciadores estão entre os elementos linguísticos que contribuem para o encadeamento entre as informações apresentadas nas porções textuais. Segundo Tavares (1999, 2003, 2008), a relação semântico-pragmática de sequenciação textual é de baixa complexidade, representando um processamento cognitivo mais rápido e econômico tanto para o falante/escritor quanto para o ouvinte/leitor, uma vez que, apenas indica a cronologia do discurso, assinalando a ordem sequencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas.

A esse processo de sequenciação, Mira Mateus (1983, p. 187) chama de conectividade sequencial, pontuando que:

A latitude e importância da conectividade sequencial tornam-se evidentes se tivermos presente que, devido à natureza fônica do significante, as

manifestações naturais da linguagem humana se estruturam (na superfície) com base numa concepção unidimensional do tempo, numa concepção do tempo como conjunto de momentos sucessivos. Tal fato determina que a ocorrência dos elementos linguísticos se processe por sucessividade, ou seja, a superfície textual é sempre uma sequência linear de elementos linguísticos com uma dada configuração prosódica. Assim, podemos dizer que todos os processos de sequencialização que asseguram uma ligação significativa – nos diversos níveis de análise – entre elementos que ocorrem na superfície textual são instrumentos de coesão.

Dessa forma, o item, quando atua na função sequenciadora, exerce um papel conectivo de ligar as porções textuais, elucidando que há entre elas um nexos lógico, uma sequenciação linear dos fatos desenvolvidos no fluxo temático, o que evidencia a interdependência semântica das informações dispostas do turno conversacional.

Vamos, na sequência, apresentar dados que ilustram as ocorrências dessas subfunções no *corpus*:

- (02) **E**: A gente queria que você falasse um pouco sobre Cantiliano de Andrade. [risos] Quem é este nome ilustre?  
**Inf**: é o pai da minha mãe. Ahn. Meu avô foi um grande nome aqui, né, ele... ...foi muito reconhecido por todo mundo, pelos atos dele, principalmente sociais e tudo. **Então**, o meu avô, eu tenho, apesar de eu não conhecer, eu tenho uma grande admiração por ele, pela história dele. Por ele, por tudo, pela criação que ele tinha com os filhos, e pelo homem que ele foi. **Então**, vovô, o que eu sei dele é assim, ele foi pra uma festa, no clube, né, e entre um tiroteio ele recebeu uma bala perdida no coração. **Então**, ele morreu instantaneamente, né, e quando era a primeira vez que minha mãe ia numa festa. Aí, quando veio uma pessoa, amigo da minha mãe, trazendo o corpo do meu avô no carro... Aí encontrou ela, com ela na rua, aí parou, aí disse, 'olhe, não vá pra festa não que seu pai, que acabaram de matar seu pai'. Aí ela ficou arrasada, assim. **Então**, minha mãe com uns catorze anos de idade... ...e minha avó criou doze filho sozinha, praticamente. Que eram todos pequeno. **Então** a minha tia mais nova não conheceu meu, meu avô, porque era muito pequeno. Não, não lembro dele, não cheguei a conhecer. **Então**, o meu avô foi um homem muito, assim. (Informante do município de Catolé do Rocha – Zona urbana).
- (03) **Inf.**: É assim, eles vieram p/ o vale do Piancó abrangia Pombal, esse, esse mundo todo, sabe. **Aí então**, eles, o, o, o, o, o João Rodrigues dos Santos e os nove irmãos... **então** vieram, saíram de, de, de Pombal e vieram para o Vale do Piancó mais próximo aqui, sabe, e alguém ficou. **Então** teve uns que ficou em Piancó, outros que ficaram em Itaporanga, outros que vieram pra o que hoje é Conceição. E assim foi, foi a chegada desse povo. Mas cada qual, uma faixa de terra muito grande que eles passaram a ser o d/ os donos... ...e que, e que eles fi/ povoaram, onde eles, eles tinha, eles eram pessoas que... ...eles

pensavam em desenvolvimento, pensava em crescimento, pensava em educação, el/ o/... ...assim, é o, o que a gente pensa que eles tinha esse in/ intuito de, dessas coisa. **Aí então**, eles povoaram essas, essas, esses lugares. João Rodrigues dos Santos ficou em Conceição. **Então aí**, João Rodrigues dos Santos era casada com Isabel Ferreira Leite. (Informante de Conceição- Zona urbana).

- (04) **Inf.:**[...]o grupo, inicialmente, ele surgiu com o seu João Mandu, que ele... ...ele é daqui da nossa cidade. Ele é uma pessoa bem influente. **Então** ele estava tentando resgatar os valores culturais e decidiu fazer um grupo de dança. Até inicialmente chamava O Grupo, O Grupo de Seu João M/ não tinha nem nome. **Então** chamava o Grupo de Seu João Mandu, como no nordeste é característico a gente chamar... ...assim, co/ ah, caracterizar uma, um grupo ou uma pessoa por, por, pela família, por nomes de segundos, né. 'Ah, filho de Fulano de tal, não sei o quê.' Aí, O Grupo de Seu João Mandu. **Então** ele inicialmente começou com o reisado, se não me lembro. Começou com o reisado, que é o carro chefe do nosso grupo, é a dança, que foi a primeira dança. **Então**, ele chamou um pessoal que dançavam no gavião, um sítio aqui perto, que é até bem próximo aqui à cidade. E no início o grupo, assim, muitas pessoas também, porque, assim, naquela época não tinha muita diversão... ...as pessoas eram trancadas em casa, era de casa pra escola, igreja pra casa. **Então** A única diversão era essa, aí quando surgiu o grupo de dança muitas, os jovens queriam participar, porque era uma forma de se divertir. **Então**, reuniu bastante pessoas e até hoje o grupo está de pé, não com tantos componentes quanto antes... ...mas ainda tem muitos componentes. **Então**, ba/ uma, assim, uma base de vinte componentes. É sempre assim, surgindo novos. (Informante de Princesa Isabel- Zona urbana).

No dado (02), o informante, seguindo uma instância narrativa, inicia o tópico discursivo comentando sobre a vida de seu avô Cantiliano de Andrade. Posteriormente, o falante começa a narrar fatos que aconteceram na vida de seu avô. O item *então* exerce valor textual de sequenciador. Vejamos que a porção textual anterior se liga à posterior, por exemplo: “*Então*, ele morreu instantaneamente”, remetendo-se ao falecimento do avô, inferido na porção textual anterior. O item *então* também propulsiona o avanço e a progressão textual, sequencia informações, estabelecendo relação entre um enunciado passado e um futuro.

Também percebemos no dado (03) o mesmo comportamento funcional do *então* do dado anterior, um movimento duplo - anafórico e catafórico. O informante, seguindo uma instância narrativa, relata a chegada de João Rodrigues no Vale do Piancó. Ele explana essa chegada, expondo uma sucessão de fatos, viabilizando uma continuidade lógica, em consonância com uma sequência informacional já posta. Desse modo, ancora outra

enunciação futura, gerando a expectativa de que algo novo será posto no tópico discursivo. O item atua, portanto, como um elemento coesivo.

O *então*, no dado (04), exerce também a função de sequenciador retroativo-propulsor. O falante tece explanações sobre o Grupo de seu Mandu, e ao fazê-lo vai apresentando uma série de informações, de fatos sucessivos. Percebemos que o item atua no processo de retomada das informações já postas no enunciado, como também, atua no avanço da progressão de informações futuras.

O item *então* desempenhando essa função pode ser substituído pelas locuções adverbiais *logo depois* e *em seguida*, pelos advérbios de tempo *depois* e *após*, expressando a conotação da sucessão lógica e cronológica dos acontecimentos, exercendo a função de sequenciador temporal, expressando a ocorrência dos fatos na ordem em que eles ocorrem.

Na amostra dos dados, encontramos 20 ocorrências em que o item *então* exerce somente a função anafórica, atuando como sequenciador retomador. O item, nessa função, recupera o assunto da porção textual anterior. Geralmente aparece conjugado com os itens *isso* e *aí*. Ao desempenhar essa função, ele preserva o traço fórico de retroagir, porém, não direta e nem tampouco, necessariamente, para a porção anterior, e sim para uma porção um pouco mais distante.

Tavares (1999, p. 24) salienta que o *então* na função sequenciador retomador:

Recupera o assunto assim interrompido, permitindo sua continuação. É possível que, no processo de retomada, a informação reapareça de forma literal, ou com a alteração de alguns vocábulos, ou apenas seja recolocada em foco pelo apontamento para trás realizado pelo conector, sem haver seu resgate textual. Quando a digressão é longa, pode ser caracterizada como um novo tópico. Neste caso, o sequenciador retomador atua como reintrodutor do tópico interrompido.

Sob esse ângulo, o *então*, em função retomadora, atua no texto, na medida em que une sintática e semanticamente duas porções textuais separadas por uma inserção. Tanto do ponto de vista sintático como semântico, a junção estabelecida revela um caso de continuação: dá continuidade aos segmentos textuais e também ao assunto do tópico discursivo.

O item, na função retomadora, retroage para outras porções textuais, atuando como reintrodutor do tópico discursivo, atua como um elemento continuador do discurso. Aqui, percebemos que a relação texto e discurso é indissociável: o item atua conectando partes do texto mas também tem uma função discursiva importante: a de recuperar o tópico. Nesse contexto, importa trazer a reflexão de Freitag (2001, p. 03), quando assevera:

Os procedimentos discursivos são construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos entre as partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala, ou seja, é uma maneira de manter presa a atenção entre o falante e o ouvinte, uma forma de se certificar de que está sendo ouvido e compreendido. É neste contexto que estão inseridos os sequenciadores, que são responsáveis por ressaltar a relação de sequencialidade discursiva que existe entre informações ditas antes e posteriormente, admitindo revelar que a informação introduzida tem relação com as demais, à medida que são parte do mesmo assunto.

Observemos os dados que seguem:

- (05) **Inf.:** Em Catolé do Rocha criou um vínculo de violência devido brigas de famílias... ..né, famílias contra famílias. Isso sempre existiu... ..e é uma coisa que é plantada e colhida.....e nunca irá, eu acho que o meu pensamento, o meu ponto de vista, nunca irá acabar isso aqui em Catolé do Rocha... ..que é aquela divergência entre famílias. E, as pessoas hoje não têm coração, né. O que vem em primeira mão é tirar a vida de, de um outro cidadão. Pra eles eles só se conformam com isso. **Então, isso** foi uma das causas que mais elevou esse nome ruim de Catolé do Rocha de cidade violenta, foi essas divergências, brigas... ..entre famílias, coisas que não acabaram ainda. E hoje, além disso, nós temos uma outra junção que tá influenci/ mun/ influenciando muito a violência.....não só aqui como no país inteiro, no mundo inteiro, que é as drogas, né. (Informante de Catolé do Rocha- Zona urbana).
- (06) **Inf.:** Na época de Dinaldo, na parte cultural, ahn, a cidade desenvolveu mais um pouco. Porque ele aumentou o p/ o prédio em si da biblioteca cultural. Ele aumentou o número de grupos, porque tem uns bairros mais humildes no fina/ já no final da cidade. Nas quatro saídas da cidade, sempre tem uns bairro humildes, alguns vila, outros bairro mesmo. E ele s/ construiu, ahn, grupos, escolas, entendeu, em cada, periferia dessa. Quer dizer, já, já evita da cri/ ahn, um exemplo, criança que mora no sítio, vizinha à cidade, aí, não tem, não tem como estudar. Porque não é todo sítio que tem escola, faz pouquíssimo tempo que tão... ..que os próprios prefeito tão construindo s/ ahn, escola até no sítio mesmo. **Então, isso aí** dava direito já à criança, já dava pra criança vir. (Informante de Patos- Zona urbana).
- (07) **E:** Você falou de mortalidade infantil, né, que era muito // alta?  
**Inf:** Era, era, era muito alta, eu lembro, assim, quando eu era criança... ..eu morava na rua, ahn, chama-se n/ rua da Saudade, porque é rua do cemitério, né... ..aí colocaram esse nome da Saudade. **Então**, eu morava lá, eu, eu me recordo muito bem, assim, que passava muito enterro de crianças... ..né, aí, dizia, 'morreu um anjinho', caixão, né. Aí, eu, eu me lembro muito bem disso. Aí, a partir do, da Pastoral da Criança, essa realidade foi mudando. **Então**, hoje aqui o índice de

mortalidade infantil é, eu acredito, eu não tenho dados... ...porque como eu estou trabalhando fora eu não tenho muito dados, mas é, eu acho que é quase zero. Questão de mortalidade infantil, ahn, é bem assistido, tem a Pastoral da Criança. Tem as secretarias, né, de, de assistência social, tem PETI... ...né, **então, isso** contribui também... ...né, os agentes o tempo todo em cima, que antes não tinha... ...né, mas a mortalidade infantil era muito grande em Princesa. (Informante de Princesa Isabel- Zona urbana).

Os itens *então* e *isso* do dado (05) realizam função anafórica, visto que, são dotados do traço fórico de retroagir para a porção textual anterior, e acumulam a função de juntores, atuando como elementos coesivos que desencadeiam o avanço da progressão textual.

Os itens *então* e o *aí*, no dado (06), podem ser empregados nos planos dêitico e anafórico como indicadores de lugar e tempo. Entretanto, no exemplo dado, essa expectativa parece não se confirmar; nesse caso, o *então* sequencializa o discurso cujo tópico é imediatamente recuperado pela expressão *isso aí*. Ou seja, o *aí* também compartilha o papel anafórico com o *isso*, destituindo-se de seu valor dêitico espacial prototípico.

No exemplo (07), o item *então* retoma o tópico discursivo, mantendo seu traço fórico de retroagir, que é reforçado em contiguidade com o dêitico anafórico *isso*.

Outra função na qual o item parece bem acomodado é a de item conclusivo. No *corpus*, foram registradas 20 ocorrências do *então* cumprindo esse papel. Martelotta (1996) já identificava esse papel funcional do *então* como sequencial conclusivo, em alguns contextos, pois, segundo o autor, o item apresenta um valor conclusivo, ao iniciar cláusulas que expressam uma consequência em relação ao que foi dito anteriormente.

Esse uso do elemento *então* é decorrente de um processo de gramaticalização via pressão de informatividade, uma vez que emerge de contextos que o pressionam. O valor conclusivo do elemento *então* é uma variante do *então* sequencial, que provém do uso anafórico.

Vejamos os dados:

- (08) **Inf.:** Mato Grosso não tá bom, não, bom agora tá em São Paulo, Novo Horizonte, tal', muitos... ...estado, né, que muitas cidade no estado, né. *Aí*, um vai, lá leva dois, três, já diz que lá tem uma... ...tem, assim, tem um canto que é bom, já tem um pessoal que já é conhecido, já aluga uma casinha, volta, e agora tão indo pra lá. E disse que até dois mil e doze, dois mil e catorze diz que vai acabar corte. Fica só planta e a máquina. *Aí*, eu também não tenho... ...tenho muita vontade de ir, não. **Então**, não dá mais pra trabalhar nem aqui mesmo. Todo cheio

de, de problema, de coluna ruim, inchando as mão. (Informante de Pombal- Zona Rural).

- (09) **Inf.:**Hoje não se pode botar um filho na roça pra se trabalhar. Hoje, ahn, tem que botar o filho... ..o filho tem obrigação de dizer, 'ahn, pai eu não vou, eu não vou fazer aquilo'. A gente manda ele vem, aí já vem estressado. **Então**, a comparação de com, com hoje, de antigamente com hoje, a minha criação com minha criação que eu crio meus filho hoje é muit/ totalmente diferente. (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

- (10) **E:** Você conhece pessoas assim que trabalha, estuda?

**Inf:**Conheço, eu // sou uma.

**E:** Conhece. Ahn, você trabalha e estuda?

**Inf:** Eu trabalho, eu faço, estudo, pela manhã eu faço o ensino médio.Aí, como entrou o técnico aqui no Comercial esse ano, aí eu comecei a fazer o técnico à noite.E trabalho pela tarde.

**E:**Trabalha à tarde, de quê?

**Inf:** Eu trabalho à tarde ajudando minha madrinha ensinar as, as (XX) domésticas, entendeu?

**E:**E, como é que você se sente, assim, nessa vida corrida?

**Inf:** Ah, é corrido, mas eu acho que, assim, tudo vale a pena nessa vida e.....c/ aquela coisa que a gente consegue com facilidade, a gente não dá valor.**Então, portanto**, eu acho que é melhor correr atrás daquela coisa mesmo.....e, conseguir ela com dificuldade, pra futuramente.....eu saber olhar pra traz e ver os esforço que eu tive e dar valor aquilo que eu tiver.(Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

O tópico discursivo do dado (08) retrata a situação vivenciada pelos moradores do município de Pombal, que pelo fato de a cidade não oferecer oportunidades de emprego, necessitam migrar para São Paulo ou Mato Grosso, em busca de melhoria de vida. Ao explicar essa situação, ele explicita que o corte de cana vai acabar e, conclui o tópico do turno conversacional, com o item *então*, que sinaliza o desfecho do conteúdo desenvolvido.

O item *então*, no exemplo (09), também expressa valor conclusivo, estabelecendo uma relação anafórico-conclusiva com as informações passadas no tópico discursivo.

No exemplo (10), o informante do município de Cajazeiras, encerra o turno conversacional, fazendo uso do item *então*, em contiguidade com a conjunção conclusiva, *portanto*, reforçando a ideia conclusiva. Em contextos como esse são dadas as condições iniciais para que um item absorva a função própria do termo que o acompanha. Provavelmente, ao ser recorrente em usos conjugados como esse, o item pode estar se inserindo em um contexto funcional inovador e pode vir, futuramente, a assumir sozinho o papel que anteriormente cabia ao outro item que o acompanha.

Na amostra de dados, foram registradas 12 ocorrências do *então* resumitivo. Essa função do *então* ocorre quando falante resume tudo em uma cláusula, com a finalidade de dar por encerrado o assunto do turno conversacional.

Martelotta (1996), analisando situações semelhantes, diz que se trata de um tipo de *então* conclusivo, que não se limita a ligar orações, dando-lhes uma orientação argumentativa, mas funciona como um elemento organizador do texto, no sentido de que conclui uma fala através de uma frase que engloba e resume tudo o que foi dito.

Confirmamos os dados subsequentes:

- (11) **E:** Tem muitos jovens que estão, assim, só naquela ideia [carro] de 'ah, eu não preciso estudar porque eu vou co/ eu consigo um emprego às vezes que ganha até mais do que outra pessoa que tava estudando', né? Como é que é sua opinião sobre isso?  
**Inf:** Eu acho que se a pessoa estudar. ...aliás, o estudo é a única coisa que uma pessoa.....você pode tirar.....outra pessoa pode lhe tirar dinheiro, pode lhe tirar tudo, menos o seu conhecimento, certo? Jamais... **Então**, o estudo pra mim é fundamental (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

No dado acima, o informante do município de Cajazeiras, em uma instância argumentativa, que tem como fluxo temático a importância dos estudos, da educação em si, resume em uma cláusula, sua opinião acerca do fulcro temático discutido no turno: “*Então, o estudo pra mim é fundamental*”.

Vejamos o dado abaixo:

- (12) **Inf.:** Já que nós somos tão propício pra, pra agricultura familiar, porque não há investimento, né, pra fazer com que as pessoas sejam capazes de, de fazer aquilo que sabe, não é? Porque nós não podemos sonhar que venha pra Catingueira uma fábrica grande, uma coisa... Mas, mas é importante que invista ainda, nós temos muita agricultura, temos pessoas ligada à agricultura familiar... Então, se houvesse política nesse sentido, que fizesse com que os jovem ficasse aqui seria bom, mas infelizmente ainda não, não tivemos a oportunidade de ver chegar aqui no nosso município. **Então**, a única alternativa é realmente sair do município e procurar uma coisa melhor fora. (Informante de Catingueira-zona urbana).
- (13) **Inf.:** [...] Porque você tem, você tem atos que você faz lá, você tem uma liberdade maior de expressão, e tudo mais. Tudo muda, você quando chega aqui, eu, hoje já sou mais socializado, mas quando uma pessoa que vem do sítio... ...que vem pra cá, que vem da zona rural pra morar na urbana, ela já fica um pouco mais na sua, mais

encabulada. Eles não aceitam o seu jeito de ser. Às vezes o linguajar de uma pessoa do sítio é muito diferente do que, o que nós falamos agora. **Então**, é desta forma. (Informante de Princesa Isabel- Zona urbana).

O dado (12) evidencia o mesmo comportamento funcional do item anteriormente comentado; o informante do município de Catingueira tece explicações sobre o processo migratório que ocorre na cidade, devido à falta de investimentos, de fábricas, de empregos, e resume sua opinião dizendo: “*Então, a única alternativa é realmente sair do município e procurar uma coisa melhor fora*”.

O mesmo comportamento funcional do item ocorre no dado (13), em que o informante da zona urbana, de Princesa Isabel infere em uma sequência narrativa, como é o processo de migração da zona rural para a zona urbana, relatando que no sítio se tem maior liberdade de expressão, e que na zona urbana eles não aceitam o jeito de ser de quem mora na zona rural, explicitando que há distinções nos linguajares, resumindo em uma cláusula o que explanara anteriormente “*então, é desta forma*”.

### 3.2 Outros valores funcionais

Verificando as ocorrências do *então* na amostra de dados, notamos que o item, exercendo função conectiva, aparece conjugado com outros conectores, como por exemplo, o alternativo *ou* e o aditivo *e*, e adversativo *mas*.

Assentamos, portanto, que o item vem invadindo contextos e exercendo valores de alternância, devido a seu uso conjugado com *ou*, e com o item *mas*, exprimindo valor adversativo. Conforme expusemos anteriormente, nesses contextos estão dadas as condições para que o *então* se contamine de outros valores e possa assumi-los em usos futuros.

A tabela abaixo ilustra a distribuição das ocorrências do *então* desempenhando essas funções:

**Tabela 03** – Distribuição de ocorrências do *então* nos contextos conjugados

| Contextos   | Ocorrências |
|-------------|-------------|
| Alternativo | 24          |
| Aditivo     | 04          |
| Adversativo | 02          |
| Total: 30   |             |

**Fonte:** Dados da pesquisa

Neste domínio, destacam-se os valores alternativos e aditivos, nos quais o item *então* parece se acomodar, realçando seu papel sequenciador.

Compreendemos que é o conector alternativo *ou* que denota valor semântico de alternância, e, nesses contextos, se poderia conjecturar que o *então* teria valor semântico vazio, sendo assim, desnecessário. No entanto, o fato linguístico real é que o falante fez uso do *então*, que bem se conjuga ao *ou*, em uma forma de combinação produtiva nesse tipo de elocução.

Confirmamos os dados que ilustram o comportamento funcional do item nesses contextos:

- (14) **Inf.:**Hoje, eu penso, eu queria me formar em psicologia. Eu queria muito ser uma psicóloga. **Ou então** queria direito, mas o que eu queria mais era direi **Ou então** fazer um concurso. Minha meta é fazer direito. **Ou então** fazer um concurso dos Correio, **...ou então** do Banco do Brasil. Mas mesmo assim, eu nunca sonho em ter carro, apartamento, casa na praia... ...ter isso, ter aquilo, eu penso mais em viajar... (Informante de Conceição - Zona urbana).
- (15) **Inf.:**Ái tem muita gente que é enganado... ...cria, pensa que tá tendo lucro, ele tá tendo muito prejuízo, quem quer criar bode, ovelha... ...pra fazer cerca, tá tendo prejuízo, porque... ...nisso aí eu sou formado, eu nasci os dente... ...trabalhando, criando... ...toda qualidade de bicho... ...e sei o que é, agora gado não, o gado é mui/ há muita facilidade com o gado. O senhor faz uma cerca de quatro arame... ...tá cercado pra gado. O gado, o senhor... ...bota ali e fica despreocupado e o, e a miunça, não. Ou é nove arame**ou então**... ...só vive no roçado dos vizinho. O senhor arrumando briga, confusão com um e com outro.E eu não nasci pra isso, não, não gosto de confusão, não. Eu gosto de respeitar pra ser respeitado, eu sou dessa qualidade.Se o senhor me respeita eu tenho que lhe respeitar.Agora, se o senhor não me respeita... ...eu não respeito o senhor, não, eu sou muito positivo com a minhas coisa, então... ...eu vivo dessa maneira... aqui lutando...(Informante de Patos- Zona rural).

Os dados (14) e (15) ilustram situações comunicativas nas quais o item atua no contexto alternativo em contiguidade com a conjunção alternativa *ou*,conforme havíamos informado. Não nos parece haver dúvidas quanto ao valor alternativo do contexto, que denota a possibilidade de escolha de uma opção ao invés da outra.

O item *então* assume, juntamente com a conjunção *ou*, valor de alternância: ou o gado vive cercado no arame *ou então* vive no roçado do vizinho.

Vejamos um dado que ilustra o comportamento funcional do *então* no contexto aditivo, que funciona como um sequenciador juntamente com a conjunção aditiva *e*:

(16) **Inf.:** E a cidade era muito pequena. Onde é aquele hoje, ahn, ali o mercado público, era um campo de futebol. Eu assisti jogo ali. Depois doutor Pitanga construiu um mercado grande, um mercado que tinha aqui. O outro mercado, maior do que aquele. Em cinquenta e três ele tava pronto. Aí, houve essa reforma de político. **E então**, venderam o mercado. **E então** demoliram, venderam uma parte dos terreno e fizeram esse pequeno mercado. (Informante de Itaporanga-Zona urbana).

(17) **E:** O mandacaru servia pra quê?

**Inf:** Pra pedra no rins. Problema de pedra no rins, que ataca o rins, que dá dor, dor nas urina.. ...toma muito. Toma uns três chá em seguida assim. Tem gente que faz daquela, daquele, daquele molinho.....ele tira os espinho todinho. **E então** minha mãe assava no fogo.....**e então** minha mãe assava no fogo e tirava a água, espremia a água.....**e então** dava os menino pra beber. Dor nas urina. E a não ser era raiz. As dele é muito bom, muito medicinal....a gente curava com quê? Ia na feira, comprava uma panelinha nova.....uma água dentro com uns pedacinhos pinicado.....**e então** botava ali de mollho. Passava dois, três dia tomando aquela água de mandaca/ de, de camaru.....pra gripe (Informante de Cajazeiras- Zona rural).

O *então*, nesses contextos, conjuga-se ao conector aditivo *e*, expressando valor de adição de informações, uma sequência de ações, como observamos no dado (16): “*E então* venderam o mercado, *e então* demoliram”. No dado (17), o informante da zona rural de Cajazeiras, em uma sequência descritiva, do gênero relato de procedimento, ensina como se faz um remédio para problema nos rins, e para isso, ele sequencia as informações.

Vejamos o comportamento funcional do *então* no contexto adversativo:

(18) **E:** Como é que as famílias, né, ahn, aqui na cidade veem essa questão da prostituição, dos cabarés, essa coisa assim, como é que é... ...como é que se lida com isso?

**Inf:** Ah, na/ não gostam, não, né, mas é o jeito, tem que deixar. Ahn, as famílias t/ assim, têm um preconceito, né, porque não quer que as, que os filho sigam o mesmo caminho, tal... ...mas também não, não, não recriminam, nem nada. Ahn, assim, nunca foi, ninguém foi preso, nem nada por causa de prostituição, nem nada assim. É. É escondido, mas é legal, no caso. Por causa que, lá em, na Moca me disseram que ela tem autorização pra ter esse cabaré, mas não sei se é verdade, né, **então, mas assim**, o povo não gosta, mas também nem critica. (Informante de Pombal- Zona urbana).

Conforme já esclarecemos, o item tem se inserido em contextos semânticos diferentes de sua condição original de referenciador de espaço e tempo, como também, de conector conclusivo, podendo ser visto em situações que introduzem ideia *alternativa*, aditiva e adversativa. Não podemos afirmar que ele esteja se gramaticalizando nessas funções, mas o fato de se acomodar nesses contextos é indício de que mudanças futuras talvez estejam se prenunciando.

Com isso, aventamos que, pelo fato do item estar se inserindo em contextos diversos do seu habitual, ele estaria seguindo uma trajetória de mudança que acentua seu valor polissêmico.

### 3.3 O Domínio discursivo

O domínio discursivo é ancorado nos moldes do Discurso, que segundo Castilho (2010, p.133) é

O conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversação através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização de sentimentos; (iii) se reorganiza essa interação através do subsistema de correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse.

Assim, nosso entendimento de domínio discursivo o toma como a instância que está para além do linguístico, relacionada ao evento e a tudo que o envolve, tal como o assunto, os interlocutores, as estratégias argumentativas, entre outros. Essa concepção possibilita que um item cumpra ao mesmo tempo funções textuais e discursivas. Por isso, a classificação que realizamos aqui se pauta pela saliência da função e não pela exclusividade.

Elencamos, neste domínio, as funções: Introdutor do turno, perspectivador, organizador de turno e finalizador.

A tabela a seguir ilustra as ocorrências do *então* nesse domínio:

**Tabela 04** – Distribuição de ocorrências do *Então* no Domínio discursivo

| Domínio Discursivo   | Ocorrências do <i>então</i> |
|----------------------|-----------------------------|
| Introdutor de turno  | 02                          |
| Perspectivador       | 21                          |
| Organizador de turno | 27                          |
| Finalizador          | 20                          |
| Total                | <b>70</b>                   |

**Fonte:**Dados da pesquisa

O *então* **introdutor de turno** conversacional, com 02 ocorrências no *corpus*, funciona como um marcador discursivo, considerando que ele é utilizado pelos falantes como uma estratégia comunicativa, atuando como um instaurador do contato do interlocutor com a audiência.

Nessa direção, Risso (1996) define como MDs (marcadores discursivos) um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala, e no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional, pertencendo à organização, à estruturação e à apresentação do conteúdo discursivo.

Vejamos os dados abaixo que ilustram esse comportamento funcional do item:

- (19) E:Queria que a senhora me contasse, a senhora falou que a senhora tem dois nomes, né, conta essa história pra mim.

**Inf:** É. **Então**, é assim.....o seguinte é esse.....minha mãe.....e/ ela me contava que era assim, uma vez eu perguntei, 'mãe, por que foi que a senhora não botou meu nome direito?'.....'ou um ou outro?'.....'ou Maria de Fátima ou Josefa?'. 'Se tivesse chamado meu nome, que eu não gosto que'.....'eu queria que todo mundo me chamasse de Josefa'.....'meu nome próprio.' 'Aí ela disse, ela disse, 'não, na época foi assim, eu fui ter você, eu tive você em casa'. 'Então'...Que era m/ a parteira era Maria.Ela disse, 'então, quando você nasceu minha tia Maria falou que você t/ era, você nasceu laçada'....'toda criança que nasce laçada, a mãe tinha que pôr o nome de Josefa'.....'se fosse mulher era Josefa, se fosse homem era José'.....'pra não morrer afogado e nem queimado. (Informante de Cajazeiras- Zona rural).

- (20) E: Essa questão do Bolsa Família, como é que você vê?

**Inf:** **Então**...alguns, não sei se é coisa de oposição, chamam bolsa miséria. Porque, não sei se é coisa de oposição, eu acho que não. E ao

mesmo tempo eu acho que sim porque, o candidato José Serra, à presidência, ele disse que e/ Lula, o ex-presidente Lula tinha tornado o povo brasileiro preguiçoso, por causa disso, do, desses programa sociais, Bolsa Família, tal. Em certo tempo sim, mas tem gente, porque não pode generalizar, ele disse... ...se ele disse 'ah, o presidente Lula tornou o povo brasileiro preguiçoso'. 'Povo brasileiro', então ele generalizou. Não pode generalizar uma questão dessa.(Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

O *então*, nos exemplos citados, tem valor de marcador discursivo. Notamos que o item não apresenta correspondência semântica com o desenvolvimento do tópico discursivo, ele apenas funciona como um introdutor do turno conversacional, atuando na abertura do turno conversacional, como elemento sustentador e estruturador do fluxo temático. Antecipando-se às informações a serem processadas no decorrer do tópico discursivo, o item nessa função atua na abertura do jogo interativo de perguntas e respostas que constituem o processo comunicativo do gênero entrevista sociolinguística.

Galembeck (2003) salienta que a ideia de turno, de acordo com o senso comum, está ligada a várias situações em que membros de um grupo se alternam ou se sucedem na consecução de um objetivo comum ou uma disputa: jogo de xadrez, corrida de revezamento, mesa-redonda. Afinal, em que consiste a interação senão em um jogo comunicativo que é negociado *online*?

Na ocorrência acima, notamos que é estabelecida entre os interlocutores uma relação de alternância, tendo em vista tratar-se de uma entrevista, um jogo de perguntas e respostas, o informante, para responder a pergunta que lhe fora lançada, utiliza o item *então* para elaborar, organizar as informações que atenderão às demandas do turno conversacional.

O introdutor de turno é, na verdade, uma estratégia conversacional por parte do falante. De acordo com Preti (2004, p. 151), estratégias conversacionais:

São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos; para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento.

Portanto, o *então* na função de introdutor de turno é uma estratégia discursiva de planejamento do falante, faz parte dos frames cognitivos do discurso, visto que, para ser compreendido, o falante precisa articular as informações, elaborá-las, organizá-las de forma coesa e coerente para que a comunicação seja estabelecida

Mapeamos, na amostra de dados, 21 ocorrências do *então* na função de perspectivador.

O item *então* está se inserindo em contextos que demarcam a perspectiva, o ponto de vista do falante acerca do conteúdo temático desenvolvido no tópico discursivo. O item, nesse caso, vem conjugado a verbos modalizadores epistêmicos, a exemplo de *eu acho*, *eu acredito*, como também, ocorre em sequências argumentativas, em relatos de opinião do informante sobre determinado assunto.

Assim, a atitude do falante é marcada pela subjetividade e modalização. Isso implica que o falante irá trazer marcas argumentativas, modalizadoras e subjetivas na trama discursiva. Para Traugott (2010), a subjetividade pode ser observada na expressão de um determinado significado que resulta de convencionalizações de inferências contextuais, ou seja, de implicaturas conversacionais sugeridas pelo contexto. Para a autora, as expressões de subjetividade estão associadas à atitude do locutor.

Sob essa ótica, a subjetividade é concebida como um processo de mudança semântica em que uma determinada situação externa passa a indicar perspectivas, atitudes, avaliações e crenças do locutor. Langacker (1987) assevera que a perspectiva abarca a manifestação de posição da qual uma determinada situação é vista, sob qual ângulo e ponto de vista o sujeito conceptualizado se posiciona.

Observemos os exemplos que evidenciam esse comportamento do *então*:

(21) E: A questão, assim, você estuda aqui, né, sempre estudou aqui, ahn, a questão da educação? Eu queria que você desse, assim, um panorama, falasse aqui da escola, como é aqui.

Inf: Olhe, eu acho a educação daqui... ..eu acho ela razoável, não acho muito boa, nem ruim, eu acho razoável, porque não são todos que têm, ahn, essa educação toda. Porque aí vai depender também dos pais, claro, né. **Então, eu acho** que a educação... ..chega a ser razoável, não é nem boa, nem ruim, né. Porque algumas pessoas têm uma educação melhor, outras não têm tanta educação. E também não, vareia, também, porque, 'não, vo/ você é do sítio, então você tem uma educação, por exemplo, ruim'. 'Você é da cidade, cê tem uma educação boa', não. Não depende muito disso. Ou então se você é pobre ou rico, não vai depender muito disso. Vai de/ ahn, a educação varia muito a questão da família, né, aqui, assim. Mas a escola é muito boa. A educação aqui que, ahn, a escola transmite é muito boa. Os professores são maravilhosos, né. Aí, vai depender de quem quiser aprender, né, alguma coisa. (Informante do município de Sousa-Zona urbana).

- (22) **Inf.:** Mas não, agora hoje eu dou ponto a Ricardo Coutinho. Dou ponto, por quê? Porque ele não é político... O político, entenda, que faz é só a política. O arrumadinho, não. Ele é mais administrativo. Ele procura realmente de fato e de direito fazer alguma coisa. **Então eu acredito** que... eu dizia na campanha e continuo ainda com esse pensamento. A Paraíba ganhou com Ricardo por quê? Ele é administrativo de mão cheia. Ele é um homem... outra, econômico. Ele é durão, como eu disse a ele que ele era. Né, e ele me disse, 'oh, é meu jeito', eu digo, 'então é ruim pro senhor, ser político é ruim desse jeito'. (Informante do município de Itaporanga- Zona urbana).
- (23) **Inf.:** Agora, me diz uma coisa, ahn, você tem, assim, informação de como que era a vida dos escravos aqui nessa região? **Inf.:** Basicamente não tenho, pela questão da... Mas acredito que não seja de muito diferente de, da vida dos escravo, ahn, ahn, em outros locais do país, né? Era uma vida sofrida, não tinha, não tinha acesso à casa da família, né, uma casa por trás do, do, da casa grande. Tratado como escravo, mesmo, e, e voltado pra questão da lavoura, mesmo. De, de, do trabalho braçal mesmo que eles fazia, né? **Então, acredito** que não seja tão diferente da, do que nós já sabemos como é a vida dos escravo, como é que os escravos sofreram... durante a época da escravidão. E a habilidade de Inácio de mesmo com toda essa dificuldade e, enfim, s/ ele ser voltado pra questão da, do trabalho braçal, da agricultura e conseguiu se destacar com os poemas, com verso, então. (Informante de Catingueira- Zona urbana).

Observemos que, nos exemplos acima mencionados, o item *então*, conjugado com o verbo modalizador epistêmico, *acho*, expressa o posicionamento do falante, seu ponto de vista sobre o tópico discursivo. É relevante também notar a posição em que o item se encontra inserido no turno conversacional, ou seja, mesmo apontando uma conclusão, o falante ainda continua inferindo informações para posteriormente concluir o que pensa sobre o assunto discutido.

No dado (21), o informante do município de Sousa, da zona urbana, em uma sequência argumentativa, avalia a educação da cidade como boa e razoável, inferindo, dessa forma, seu ponto de vista, sua perspectiva sobre o panorama educacional sousense.

No exemplo (22), o informante avalia a gestão política do governador da Paraíba, Ricardo Coutinho. Dando continuidade ao tópico discursivo, o falante demarca sua opinião usando a expressão “*então eu acredito*”, que expressa sua crença, sua perspectiva em relação à gestão política do governador.

O mesmo comportamento funcional do item ocorre no exemplo seguinte, onde o informante posiciona-se diante do fluxo temático do turno, no qual o entrevistado pergunta se

ele sabe como era vida dos escravos na região e ele posiciona-se explanando que acredita que não seja diferente da dos outros escravos.

Foram identificadas 27 ocorrências do item do *então* **organizador de turno**. O *então* é assim denominado, levando-se em consideração que a negociação interativa é realizada *online*, quando o falante, para organizar o fluxo do relevo informativo, pausa para elaborar e organizar as porções textuais discursivas posteriores; pausa para, em seguida, introduzir outras informações novas no turno conversacional.

O item nessa função é acompanhado das hesitações que indicam a pausa intencional do falante.

Confirmamos os dados:

- (24) **Inf:** Porque nós temos aqui, somos abranjado por um grande açude, que é o açude Cachoeira dos Cego, que tem mais de oitenta milhões de metro cúbicos de água.

**E:** Como é que é o nome dele?

**Inf:** Açude do Cegos. E, ahn, ajudou muito, porque as pessoas tão lá, pode, ahn, peixe, enfim. Eu acho que deu uma melhorada, sim. Com relação ao que já passaram, eu acho que, que tem melhorado. Tem melhorado bastante, então não vive numa situação tão, tão complicada. E nós temos a outra região rural aqui, que é dos assentamentos, né, que é a região sul que tem... ..dois assentamentos, aí tem um assentamento em si que nós sentimos que, que passa mais dificuldade, não tem tanto acesso à água, que as pessoas têm mais dificuldade.

**E:** Mas n/ com relação ao que já foi melhorou muito, se for num sítio hoje a maioria das casa tem uma moto, né? Antena parabólica, **então... Ahn**, comparando com o que já passou, acho que deu uma melhorada, sim. Ahn, esse açude serve pra abastecer a cidade de água também, vocês usam água pra, pras casas normalmente, como que // é?

**Inf:** Sim, eu, nós usamos, há uma, uma... ...foi feito, ahn, através do governo do estado alguns anos atrás e...e a agui/ água aqui no município é abastecida com, com, com a água do Açude do Cego, **então...** ...nós passávamos uma dificuldade danada na época da seca, que não tinha fonte de água aqui no município. Né, usa/ era uma açude pequeno que tinha, que chamava o açude do prefeito. (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

- (25) **Inf.:** A zona rural era tudo por igual. **Então...** ...a gente... ...tinha os filho, todo ano eu tinha um filho. **Então**, eu tive sabe quantos filho? Onze. Onze filho. **Então**, morreu dois novinho e fi/ e então ficou nove. Mas quando eu vim conhecer isso, que era pra se defender, pra evitar... ...eu já tava velha, já nem precisava mais. Tudo bem. **E:** Como é que o, quando uma criança, assim, ficava doente... ...e não tinha como ir ao médico, como é que vocês faziam? **Inf:** A gente

levava pra cidade. Eu mesmo se/... ...cansei de sair daqui de pés... ...porque, você viu a distância? **Então...**...quando adoecia um a gente ia em carroça de boi... ...ia de bicicleta... ...pegava carona ali na, na estrada. Muito difícil na época, não passava nem carro ali, que hoje. (Informante de Patos- Zona Rural).

- (26) **Inf.:** Você pega, vai ali no mercado, você compra a carne de sol, ela já vem salgada, né. Aí, você chega na sua residência, debaixo de um telhado, alguma coisa assim... ...você à noite, você estende ela num, num arame, ou num barbante, ou em qualquer coisa, pra ela ficar ali. **Então ...Ahn**, levando o sereno da noite, não é, e de dia você estende ela na sombra, de dia na sombra. Estendidinha na sombra pra ela ficar escorrendo, certo. E à noite você estende ela ao ar livre, pra ela levar o sereno da noite. Depois de quarenta e oito, setenta e duas horas você fazendo isso... ...a carne tá pronta pro consumo, desidratada. Totalmente sem aquele, **então ...ahn**, vamos diz/ aquela salmoura que a carne tem, né, aquela água. Porque você sabe disso que, **então ...ahn**, a nossa musculatura, a musculatura de um bovino também não é exceção... ...ela tem algo em torno de sessenta e oito, setenta por cento, depende muito da idade do bovino, de água. Né, ela é composta por isso, a composição é essa, né. **Então**, você quando desidrata, o que que acontece? Você perde aquela água. (Informante de Patos- Zona urbana)

Nas ocorrências (24), (25) e (26), o item *então* vem conjugado com as hesitações sinalizadas pelas pausas, o intervalo do turno discursivo, realiza a pausa na informação, para adiante introduzir mais conteúdo. Nesse caso, o item funciona como um preenchedor de pausa discursiva, com o intuito de evitar o silêncio enquanto a informação do turno conversacional é formulada, organizada, atuando na manutenção do turno.

O *então*, na **função finalizadora**, aponta para o fechamento do tópico discursivo, indicando a ideia de conclusão do fluxo temático do turno. O *então* nessa função geralmente vem conjugado com elementos anafóricos, como o pronome demonstrativo *isso*, como também, pode vir acompanhado dos itens conclusivos, *portanto*, *assim* e *por isso*, que, a partir do efeito da contiguidade, reforçam a ideia de desfecho da sequência do turno conversacional.

O *então* na função de finalizador atua no fechamento do subtópico discursivo, o item por apresentar natureza fluída, apresenta mobilidade, aloca-se em diferentes posições no turno conversacional.

Jubranet al. (1991) afirmam que a delimitação dos segmentos tópicos se justifica por marcas as quais não se caracterizam por ter um padrão de ocorrência. Segundo os autores, há fatores que dificultam a sistematização pelo fato de serem marcas facultativas, quando os segmentos tópicos, nem sempre, estão marcados em início e fim e multifuncionais, quando os

elementos que marcam as delimitações tópicas não assumem essa função de maneira permanente, como é o caso do marcador discursivo ‘*então*’. Esse marcador pode estar presente em diversos momentos do segmento tópico e co-ocorrentes, quando se percebe uma tendência a um aglomerado de procedimentos em um mesmo ponto.

O *então* atua no fechamento do tópico discursivo, para que o falante introduza informações novas, funcionando como um elemento gerenciador do turno discursivo. O item, como finalizador de turno, exerce a função de marcador discursivo e organizador de tópico, atuando no fechamento de uma centração do tópico discursivo. Assim, os falantes usam esse marcador para sinalizar o fechamento de uma parcela subtópica e iniciar um outro conteúdo a ser desenvolvido no mesmo turno discursivo.

Confirmamos a ocorrência abaixo:

(27) **E:** O que você sabe daqui de Pombal, da sua cidade?

**Inf:** Eu sei que aqui, Pombal, já foi, como é que diz, é, Campina Grande já pertenceu a Pombal. Ela era, é uma das cidades mais, assim, em termo territorial, maior do estado da Paraíba, né. Ahn, dominava boa parte aqui da região... Só isso basicamente, assim.

**E:** Só Campina Grande fez parte de Pombal, ou teve outras // (XXX)?

**Inf:** Campina Grande e todas as cidades aqui circunvizinhas. De Campina pra cá, ahn, as coisas lá que aconteciam em Campina eram resolvidas aqui, né. **Então, assim**, é isso assim que a gente, que a gente sabe. E hoje, ela é a segunda cidade em termo territorial maior da, do estado.

**E:** E aí, por que dividiu a, a cidade?

**Inf:** Eu acho, assim, porque, por questão política. Na época, os políticos s/ se tivesse investido aqui, a gente s/hoje poderia ser... ..não capital, assim, mas uma das maiores cidade da Paraíba. **Então, é isso**, aí eu não, não sei o, o porquê. Acho que foi, como é que diz, falta de atenção... ..por ver que essa cidade é muito rica em história cultural, em termo de, de, de território. Tem um rio que banha a cidade, assim, que ela não é pobre em, em recursos hídricos, né, que a gente pode dizer. **Então, é isso.**

**E:** E a saúde?

**Inf:** A saúde é precária também, porque, né, a su/ pelo todo o país, né... ..é precária, só que aqui a gente consegue aqui, também é como eu digo... ..à vista de outras cidades aí que a gente vai, que vê na televisão, que é filas e filas pra atender, e o médico nem vem atender... ..aqui a gente pega fila, só que é atendido. **Então, é assim.** E a cidade também é bem abastecida de médicos, eu acho assim. Tem agora um hospital regional, que passou a ser re/ regional. Temos dois hospitais na cidade, é bem abastecida de postos médicos, certo que tem, né, seus problema, mas é bem abastecida a cidade, eu acho. (Informante de Pombal, zona urbana)

No dado acima, a centração do tópico discursivo consiste no que o informante sabe da cidade de Pombal, é o tema do tópico do turno. Assim, o *então* atua no fecho da interação do falante com o entrevistador, sinalizando o fim dessa sequência interativa do turno, para que a progressão e a abertura de outro turno se estabeleça com outras informações novas, no caso, o subtópico do turno é sobre a política da cidade de Pombal.

Levando em conta apenas nossos dados, não podemos afirmar que o contexto de introdução de turno seja o mais inovador dentre as funções que o item vem desempenhando. Entretanto, como o ponto de partida de sua trajetória funcional na oralidade parece ser sua função conclusiva, é razoável sugerir que esse uso de abertura de turno seja o mais recente na história da língua, tendo em mente a polarização que se estabelece entre concluir o argumento e passar a introduzi-lo.

Concluída essa análise do comportamento do *então* nos domínios textual e discursivo, passamos, na seção a seguir, a discutir questões relacionadas ao processo de gramaticalização do item, situando-o nos usos registrados no *corpus*.

### 3.4 E *então*, em que estágio de gramaticalização o item se encontra?

Para aferir o estágio de gramaticalização do *então*, tentaremos aplicar os princípios de gramaticalização postulados por Hopper (1991): estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Os princípios *hopperianos* mais salientes na amostra de dados do *Corpus* foram a persistência e a descategorização.

O princípio da persistência é o que prevê a manutenção de alguns traços semânticos prototípicos da função fonte, ou seja, é a permanência de traços da função original, o que implica que mesmo que a função fonte sofra gramaticalização, adquirindo novos significados e desempenhando novas funções, ainda persistem vestígios semânticos da história lexical da função fonte.

Vejamos dados que ilustram esse princípio:

- (28) **Inf.:**[...] A, as f/ as famílias da zona rural tão perdendo muito os seus filhos, os seus maridos e tal..... é, pra o corte de cana em São Paulo.Daqui saem, saem todo ano, ou às vezes até duas vezes ao ano.....cento e cinquenta, duzentos ônibus, ônibus lotados, f/ é, e, é do sertão inteiro.Só que são cadastrados aqui, mais aqui na, no, no sindicato dos trabalhadores rurais, aqui de Cajazeiras.Porque não tem emprego, né, e não há investimento na zona rural do sertão, então.....nos locais que são mais afetados com a falta d'água, com a

falta de chuvas, né...Ahn, tem mais tem es/ esse problema maior, ou seja.....eles não conseguem emprego, então, deixam a família abandonada aí, tal, né, entre aspa, porque.....muita vezes fica a mãe, a, a jovem mãe, tal, com, com seus dezessete, dezoito, vinte anos.....ahn, cuidando dos filhos, morando sozinho numa casa na zona rural.....muitas vezes tendo que tar, ahn, recebendo algum auxílio, alguma ajuda dos pais, não é.....pra poder não passar necessidades de fato, né.....**ou então** tá lavando roupa ou, ou tá fazendo algum outro trabalho que, né, que.....venha a ajudar na, no, na, na sua sobrevivência diária. (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

O *então* está se inserindo em outros contextos que não o seu original, no caso citado, o contexto alternativo, embora possamos notar que o item encaminha para a conclusão, para o desfecho do tópico discursivo. Evidentemente, isso se dá por influência da contiguidade com o conector alternativo *ou*. Esse compartilhamento de espaço com um item prototipicamente alternativo nos faz supor que o *então* possa vir a migrar, em usos futuros, para atuar também nesse domínio.

O traço relevante desse comportamento para a análise do princípio da persistência diz respeito ao fato de, mesmo estando inserido em um contexto inovador, no qual se depreende uma função de reforço à ideia de alternância que o *ou* já representa, o *então* conserva seus traços da função anterior, isto é, encaminha o fluxo discursivo para uma situação de desfecho. Seu traço original de conclusão é, portanto, preservado neste contexto.

Observemos outro exemplo:

- (29) **Inf.:**[...] Mas nossa cidade é uma cidade muito boa, interessante de se conhecer. Tem também, ahn, o açude de São Gonçalo, que fica a treze quilômetros daqui da cidade, um local muito bom pra se visitar. Aqui no centro também tem a Praça do Milagre Eucarístico... ...que conta a história de uma pessoa que... ...ao sair com a hóstia da igreja, derrubou-a e três dias após ela se encontrava no mesmo local com... ...ovelhas, né, arreadas dela. **E então é isso**, nossa cidade é cidade de interior, mas tem muita história pra contar. (Informante de Sousa-Zona urbana).

Em usos como esse, nos quais o papel de sequenciador aditivo, por contiguidade com o *e*, parece vir à tona, o *então* não perde seus atributos de item conclusivo, como se depreende no contexto em tela.

Nesses casos, anota-se a manifestação do princípio da *persistência*, aquele que defende a manutenção de traços da função anterior mesmo quando o item se insere em contextos inovadores e se gramaticaliza em funções novas.

Quanto ao princípio da descategorização, ele remete à perda ou diminuição do estatuto categorial da função fonte. Isso quer dizer que, quando o item migra de uma categoria para outra, isto é, para uma função alvo/meta, destitui-se dos traços de sua função original.

No caso do *então*, como ele não é mais usado em função adverbial de cunho temporal, podemos atestar sua descategorização, uma vez que os usos atuais revelam seu papel de conector, com suas diversas subfunções já apontadas ao longo dessa análise e sua atual inserção em contextos inovadores de abertura ou finalização de turno.

Podemos apontar um histórico de perda de transparência semântica que causa o desbotamento do item. Essa “perda” provocada pelo fenômeno da gramaticalização é compensada por outros ganhos, de natureza mais discursivo-pragmática, por sua atuação no plano argumentativo ao se inserir em contextos alternativos e contextos perspectivadores.

### 3.5 Aplicações dos mecanismos motivadores de gramaticalização postulados por Bybee

Os mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994) são: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção.

Na amostra de dados, os mecanismos mais recorrentes foram: a extensão metafórica, mais precisamente na propriedade (i) mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, e a harmonia, considerando que o item ao migrar de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, perde traços semânticos prototípicos da função fonte e ganha traços discursivo-pragmáticos da função alvo/meta.

A propriedade (i) da extensão metafórica, que consiste na migração de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, evidencia o *cline* unidirecional da metáfora espaço > tempo > texto experimentado pelo item, uma vez que o item desempenha função textual, sequenciando as porções textuais, encadeando-as, elucidando a sucessão lógica e cronológica dos fatos.

Nesta conjectura, denotamos que o item está transitando entre os domínios: textual e discursivo, ora mais saliente em um, ora mais no outro.

Confirmamos a ocorrência a seguir:

- (30) **E:** E eu, ahn, soube que você especificamente tem um trabalho, né, voltado aí pra medicina // popular, alternativa, né?  
**Inf:** Medicina alternativa, é, é, popular. **E:** Ahn, eu gostaria que você contasse um pouco pra gente como é que esse trabalho, como é que ele se originou, o que que vocês fazem. **Inf:** Certo. Ahn, esse trabalho, na

verdade, ele vem, assim, de/ ahn, através da Congregação das Irmãs Missionárias Carmelitas... ...que estão aqui presente em Princesa Isabel. Ahn, a sede delas é em Cajazeiras. E elas trouxeram, né, já vêm trabalhando, elas trabalham várias ações. E uma das é a questão de alternativas medicinais, né... ...que, no caso, a irmã Ana Alice quem tá mais diretamente, que ela se identifica com essa parte, cada uma tem um serviço, né. E, aí, eu trabalho com elas também a partir da Pastoral da Criança... ...né, que é um, que é um, um órgão também que trabalha a valorização das plantas medicinais. E elas vêm aí, então assim, a gente, quando eu comecei trabalhar com ela... ...ela tinha esse desejo de trabalhar as plantas. **Então** a gente foi buscando, vendo na co/ nas comunidades, na zona rural e urbana... ...a necessidade de se trabalhar a questão da saúde. Porque antes, aqui em Princesa Isabel, tinha um grande índice de mortalidade infantil. Aí, depois, ela também trouxe, através de, de, da esc/ da coordenação de Patos a, a Pastoral da Criança. E foi aí onde a gente começou a questão das plantas. Incentivando, fazendo canteiros, ahn, nas casas. E aí foi crescendo. **Então**, hoje ela... ...ela, a gente participou também de várias capacitações fora, trouxe gente pra cá. **Então**, tinha, assim, um grupo de f/ de mães, de famílias que trabalhava, ahn, mais diretamente... ...né, que tinha caso di/ direto e indiretos. (Informante de Princesa Isabel-Zona urbana).

Observamos no dado acima, que o item exerce a função de sequenciador textual neste contexto, pois aciona a continuidade informacional, engatando os trechos de fala numa sequência que se faz lógica e encadeada. Ou seja, nesses usos, o *então* está a serviço da textualidade.

Ao funcionar como finalizador, o item é, como vimos anteriormente, o responsável pelo fechamento do tópico discursivo. Nessa função, ele mantém traços semânticos conclusivos, atuando no desfecho do turno conversacional. Nesse caso, o *então* não pode ser confundido com o conector conclusivo, uma vez que ele encerra o tópico e, frequentemente, também, o turno. Daí seu papel ser preponderantemente discursivo porque está relacionado à organização temática do discurso. É o que ocorre no exemplo a seguir:

(31) **E:** O que o senhor poderia falar sobre a evolução da cidade?

**Inf:** Não, porque aí na época que eu cheguei era muito novo, né. Eu fui fazer o, como é que se diz, eu fui estudar no João d/ já existia o João da Mata. Que eu fui aluno do João da Mata fazendo, ahn, a s/ o começo do, do, do meu viver em estudo, né. É jardim da infância, quechamava, né, eu fiz o jardim da infâ/ até, até foto eu ainda tenho ainda do meu jardim da infância. Eu gosto muito de guardar foto, tem, eu gosto muito de cultura também. E gosto, apesar do, o povo de Pombal não gosta de cultura... ...é tud/ muita gente gosta, mas eu queria assim que no modo geral Pombal gostasse de cultura. Porque

muita gente gosta, agora é po/ eles me o, o pessoal que trabalha na cultura... ...eles sempre vão lá em casa atrás de fotos, atrás de fazer pergunta como era, e tudo etecétera, aí eu dizia. Mas, sobre essa relação da, da, do crescimento... ...eu não tenho muita coisa pra dizer, porque eu passei muito tempo fora, mas parcelado. Com nove anos, eu fui, saí de Pombal, nove ano de idade eu fui estudar em Triunfo, em Pernambuco... ...passei quatro anos em Triunfo e voltei, fui estudar em Puarana, Campina Grande, que é Lagoa Seca, vocês conhece, já deve se conhecer. Passei um ano em Lagoa Seca, voltei pra Pombal, quer dizer, com nove ano, cheguei em Pombal com catorze. Quando foi com dezenove só passei cinco ano aqui, dezenove fui embora pra Campina. Terminei o ginásio, e fui fazer, **então é isso**, e/ esses intervalos, saio, venho, já s/ saí de Pombal cinco vez, já voltei... ...ahn, cinco ano num canto, dez ano no outro, **então é isso**, e/ eu não acompanhei muito. (Informante de Pombal- Zona urbana).

Observemos a posição do item *então* no final do turno, em contiguidade com a expressão *é isso*, demarcando o fim do fluxo temático.

O *então* organizador de turno na função de marcador discursivo não faz parte do conteúdo semântico e informativo do texto, mas é uma expressão intencional e constitui uma estratégia conversacional do falante.

- (32) **Inf.:** Porque, ahn, ahn, Itaporanga, tudo quando começa aqui, quan/ quando se traz a área, na cultural, quando... ...desenvolve alguma coisa, ele não se desenvolve, ele vai aos pouco... ...ahn, vai desenvolvendo aos pouco e as pessoas vai fazendo com que aquilo ali... ...se progrida, entendeu? **Então...** mas o carnaval daqui tá andando. Vai s/ futuramente chegar lá, vamos ter um bom carnaval ...Itaporanga é uma, não deixa a desejar. É uma cidade que, **então** ...ahn, essa festa ela já é tradicional, entendeu... ...e é uma festa que traz pessoas, filhos daqui que estão fora... ...e outras pessoas que vêm na realidade pra conhecer os movimento, **Então ahn, ahn**, a área cultural, a área de fe/ enfim... ...vêm pra conhecer muitas coisas que têm em nossa cidade, que ainda ninguém conhece, entendeu. Então, é uma festa que aos pouco ela vem se desenvolvendo. (Informante de Itaporanga- Zona rural).

Na ocorrência (32), o item *então* exerce função de organizador do turno. O falante faz uso de hesitações juntamente com o item para marcar a pausa intencional, notamos que o *então* nesta função não apresenta relação com o conteúdo semântico do texto, mas expressa uma estratégia conversacional para que o falante organize seus pensamentos, articule suas informações, para posteriormente, dar continuidade ao desenvolvimento do tópico discursivo.

Ao defendermos que o *então* transita do domínio textual para o discursivo, estamos implicitamente advogando a existência de um *cline* experimentado pelo item: espaço > tempo > texto > marcador discursivo.

Podemos aventar, por exemplo, que quando o *então* aparece nas funções de introdutor ou organizador de turno, ele se afirma como uma estratégia discursiva de planejamento do falante, faz parte dos *frames* cognitivos do discurso. De igual modo, ao exercer a função de perspectivador, o *então* sinaliza o ponto de vista do falante acerca de um determinado conteúdo temático desenvolvido no turno discursivo. Essa é, portanto, uma estratégia subjetiva do falante para demarcar sua aproximação a respeito do fluxo temático. Temos, nos dois casos, exemplos em que o domínio discursivo prevalece sobre o textual. E o item transita de um para outro, cumprindo seu papel de recurso importante para as demandas comunicacionais dos falantes, sejam elas textuais ou discursivas.

Relacionando esse comportamento funcional do *então* ao mecanismo da harmonia, conforme proposto por Bybee (1994), podemos afirmar que o *então*, ao transitar do domínio textual para o discursivo, perde harmonia e transparência semântica, torna-se mais abstratizado, desbota-se semanticamente e passa a desempenhar funções mais discursivo-pragmáticas.

Assim, perfaz-se um percurso que vai da origem adverbial, de valor semântico mais concreto, até chegar à subjetivização, somente possível em domínios discursivos. Desse modo, desenha-se o *cline*: espaço > tempo > texto e advérbio > conjunção > marcador discursivo.

O *então* sequenciador indica que o item perde harmonia semântica de sua função fonte e passa a atuar no texto, sequenciando as porções textuais, encadeando-as, como um elemento de coesão, juntando as porções do texto, estabelecendo a ordem sucessiva e cronológica dos fatos.

Como vimos, o item *então*, ao migrar do domínio semântico original para atuar nos demais contextos, sejam textuais, sejam discursivos, altera a transparência semântica. No que diz respeito aos mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994), conforme a amostra de dados, notamos que o mecanismo mais saliente foi a extensão metafórica, destacando a propriedade: mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, em que o item *então* transita do domínio textual, mais concreto, para o discursivo, mais abstrato.

Aplica-se também, na amostra de dados, o mecanismo da harmonia, pois percebemos que o *então*, ao migrar de um domínio mais concreto, perde traços semânticos prototípicos e

ganha traços semânticos e discursivo-pragmáticos, eclodindo, na verdade, uma relação de mais ganhos que perdas.

Portanto é perceptível que a função-fonte perde transparência e semantização harmônica em alguns contextos e ganha absorção parcial por parte dos falantes, ou seja, o item mantém características do comportamento funcional de sua função-fonte, o que evidencia o estágio parcial de gramaticalização.

Dessa maneira, a análise dos dados permite anotar que o item se encontra em estágio mediano de gramaticalização, seguindo o *cline*: domínio mais concreto > domínio mais abstrato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de três capítulos, detivemos nossa atenção sobre o item *então*, reconhecidamente visto como um termo polissêmico, com múltiplas funções desempenhadas.

É mister que retomemos à questão norteadora da nossa pesquisa e os seus respectivos objetivos: Quais são as motivações internas ou externas que levam os falantes da língua a recategorizarem o item *então* e automatizarem novas funções para uma forma já existente?

No tocante a essa pergunta de pesquisa, os achados da amostra de dados evidenciam que é realmente o contexto de uso, o fator discursivo-pragmático motivador dos fenômenos de variação e mudança experimentadas pelo item em estudo. Contexto este, que por sua vez, imbrica diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas, envolvendo os fatores extralinguísticos, tais como, faixa etária, escolaridade, sexo, migração de um local para outro por parte dos falantes.

A frequência de uso do item e sua rotinização, realmente, determinaram algumas escolhas dos falantes ou a deflagração de polissemias. Assim, tais fatores contribuem para o processo de gramaticalização do item, potencializando e ativando outras funções distintas da original.

No que tange aos objetivos que delineiam a pesquisa propusemo-nos a: i) Descrever o comportamento funcional do *então*, contribuindo para ampliar a descrição da gramática que o abriga; ii) Mapear a estrutura dos múltiplos usos, valores e funções do item nas entrevistas do *corpus* LSP; iii) Apontar os fatores de ordem sintático-semântica e discursivo-pragmática que motivam as mudanças experienciadas pelo item.

Quanto ao comportamento funcional do *então*, os dados do *corpus* LSP evidenciam que o item *então* está experimentando o *cline* da metáfora: espaço > tempo > texto.

Na amostra analisada, é predominante o papel progressivo de coesão e o impulsionamento que o item traz para a fluidez textual, desempenhando as funções de: sequenciador, retomador, resumitivo e conclusivo, seguindo, portanto, o *cline* unidirecional: advérbio > conjunção conclusiva > sequenciador > retomador > resumitivo.

Os dados apontam que o item está inserindo-se em contextos funcionais diferentes de sua condição original prototípica de referenciador de espaço e tempo, como também, de conector conclusivo, invadindo contextos que denotam ideia alternativa, adversativa e de adição.

Vale ressaltar, que essa invasão e atuação do item em outros contextos, não significa que ele esteja se gramaticalizando nessas funções, mas o fato de se acomodar nesses

contextos, é indício de que mudanças futuras talvez estejam se prenunciando. Com isso, podemos aventar que ele segue o *cline* da escala contextual: contexto original de referenciador de espaço e tempo > contexto conclusivo > contexto alternativo > contexto adversativo > contexto aditivo.

No domínio discursivo, os dados sinalizam que o item ganha traços mais discursivo-pragmáticos, atuando na abertura, no fechamento e na organização do fluxo informativo do tópico discursivo, como também, indica a perspectiva e a postura epistêmica do falante, defronte ao assunto desenvolvido no turno conversacional. Vale ressaltar que esse comportamento funcional do *então* nessa função perspectivadora foi revelado com exclusividade na amostra de nossos dados, função esta, não evidenciada em pesquisas realizadas por outros autores – citados ao longo deste trabalho – sobre o processo de gramaticalização do *então*.

O item, no plano discursivo, segue o *cline* unidirecional: advérbio > conjunção conclusiva > sequenciador > retomador > resumitivo > marcador discursivo.

Constatamos que o item se encontra em estágio mediano de gramaticalização, não completando o ciclo de descategorização, isto é, o *então* não perde totalmente os traços prototípicos da sua função-fonte, o desbotamento semântico, o empalidecimento e a neutralização semântica do item são parciais. Ocorre, assim, perda parcial de transparência semântica, mas a função-alvo não apaga, nem tampouco anula, a emergência de outras funções divergentes do item.

Portanto, há mais ganhos pragmático-discursivos do que perdas. Sendo assim, corroboramos que o que ocorre é a coexistência harmônica entre as duas funções: função-fonte e função-alvo, o que evidencia o estágio parcial de gramaticalização do item.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão coerência**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- ARENA, Ana Beatriz. **Multifuncionalidade e polissemia do então**: um estudo pancrônico. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Niterói: UFF, 2008.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BALLY, Charles. **Linguistique Générale et Linguistique Française**. Berne, A. Francke S. A., 1950.
- BARROS, Kazuo Saito M. de. **Topical Organization in the Classroom: Internal Structure and Conversational Markers**; Tese de Doutorado; University of Essex; 1991.
- BEAUGRANDE, Robert de. DRESSLER, Wolfgang. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, John. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R & JOSEPH, B (eds.). **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, John; PERKINS, PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, Domingos P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CHIARELLI, GlauciaAndrioli. **A gramaticalização de *então* no português paulista**: um estudo pancrônico. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: UEP, 2011.

CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. GIVON, T.. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

DUBOIS, John.W. **Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus**. RICE SYMPOSIUM, 1993. Santa Barbara: University of California, 1993a. (Mimeogr.).

\_\_\_\_\_. Competing Motivations. In: Haiman, J (ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam/Philadelphia: J.Benjamins, 1985.

DIK, C. Simon. **Functional Grammar**. Amsterdam: North Holland, 1979.

ERNOUT, Antoine. e MEILLET, Alfred. 1959. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots**. Paris: Librairie C. Klincksieck.

FILLMORE, Charles. **Epistemic Stance and grammatical form in english conditional sentences**. Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, p. 137-162, 1990 a.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; et alii. Procedimentos discursivos da fala de Itabaiana/SE: aspectos metodológicos. **Anais da II SEGRAD**. Universidade Federal de Sergipe, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; COSTA, Marcos Antonio.; CEZARIO, Maria Maura Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 157-176).

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 6 ed. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/USP, 2003.

GÜLICH, Elisabeth. *Makrosyntax: Die Gliederungssignale im gesprochenen Französisch*. München, W. Fink, 1970.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos & aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, Edair. M. et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2003.

GIVÓN, Talmy. Negation. In: \_\_\_\_\_. **Syntax: a functional-typological introduction**. V. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1984.

\_\_\_\_\_. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HAIMAN, John. **Natural syntax: iconicity and erosion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEINE, Bernd. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs Traugott. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Emergent grammar and the a priori grammar postulate**. In: TANNEN, D. (Ed.) *Linguistics in Context*. Norwood, NJ: Ablex, 1988.

\_\_\_\_\_. **On some principles of grammaticalization**. Amsterdam/ Filadéffia: John Benjamins, 1991. GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

INFANTE, Ulisses. **36 Lições Práticas de Gramática**. São Paulo: Scipione, 1995.

JUBRAN, Clélia C. A. S. et al; Organização tópica da conversação; In: ILARI, R (org.). **Gramática do português falado**; Vol. II: Níveis de análise linguística; Campinas: Unicamp; 1991. p.357-399.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**, v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

Leite, J. F. Marques &, A. J. Novaes Jordão 1958. **Dicionário latino vernáculo**. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2002.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A Estrutura Morfo-sintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. *Análise Sociolingüística de alguns marcadores conversacionais* In: A.T. Macedo; C. Roncarati; M. C. Mollica. (orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística textual: o que é e como se faz**. Recife, UFPE. Séries DEBATES.V1, 1983.

MATTOSO CÂMARA JR, J. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MIRAMATEUS, Maria Helena et alii. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré.  
MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática Fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

MUSSSALIN, F; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OITICICA, José. **Teoria da correlação**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

OLIVEIRA, de Rios Mariangela; Rosário Ivo da Costa do. **Linguística centrada no uso: Teoria e método**. Lamparina, FAPERJ, 2015.

PAGLIUCA, William; Richard MOWREY. *Articulatory evolution*. In A. G. Ramat, O. Carruba and G. Bernini Eds. **Papers from the International Conference on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2001. Disponível em: s.

PRETI, Dino. **Estudo de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

RODRIGUES, Fernanda Costa Demier. **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então**. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Niterói: UFF, 2009.

SACCONI, Luiz A. **Nossa gramática: teoria**. 14.ed. São Paulo: Atual, 1994.

SAVIOLI, Francisco P. **Gramática em 44 lições**. São Paulo: Ática, 1998.

SAID ALI, Manuel, **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANTOS, Zélia Gonçalves dos. **A gramaticalização dos vocábulos “Então” e “aí”**. Dissertação de mestrado em Linguística. Salvador: UFBA, 2008.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987

SCHMIDT, Siegfried J. *Linguística e teoria do texto*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SMITH, E. Eduard.; MEDIN, Douglas. L. **Categories and concepts**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981.

STEIN, Cirineu Cecoteet al. (orgs.) **O linguajar do sertão paraibano**: Cajazeiras, Catingueira e Catolé do Rocha (corpus zona rural e urbana), V I e II. Conceição, Itaporanga e Patos (corpus rural e urbano), V. III e IV. Pombal, Princesa Isabel e Sousa (corpus urbano e rural), V. V e VI. João Pessoa: EDUEPB, 2016.

TAYLOR, John. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press. 1995.

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de Aí, Daí, Então como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. Dissertação de mestrado em Linguística. Florianópolis: UFSC, 1999.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de ‘e’, ‘aí’, ‘daí’ e ‘então’**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações-um estudo sociofuncionalista. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC. 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O relevo no Português falado**: tipos e estratégias, processos e recursos. In: Maria Helena de M. Neves. (org.). 1999.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. São Paulo: Scipione, 2002.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 6 ed. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/USP, 2003.

VALLE, Carla Regina Martins. **(SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?)**: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.

VIEIRA, Marília Silva. **Aí, Daí e Então em Campo Grande e São Paulo: Análise sociofuncionalista no domínio da causalidade**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2016.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. **Grammaticalisation et postgrammaticalisation**. In: *Langues ET Linguistique*, n. 19, 1993.